

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 119 / Abril, 2001 / Nº 2.065

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – O Livro dos Espíritos no Terceiro Milênio

O Livro dos Espíritos — Juvanir Borges de Souza

Exaltação do Livro Espírita — Vianna de Carvalho

Ao Livro dos Espíritos — Inaldo Lacerda Lima

Chico Xavier – O Mineiro do Século — José Carlos Monteiro de Souza

Mocinhos e Bandidos — Richard Simonetti

As Religiões e as Utopias — Paulo de Tarso São Thiago

A Instituição Espírita no 3º Milênio — Gérson Simões Monteiro

Sorriso de Paz

Esflorando o Evangelho — Tende Calma — Emmanuel

Pierre-Gaëtan Leymarie – Centenário de Desencarnação

A FEB e o Esperanto – O Esperanto e a Comunicação no Rotary — Affonso Soares

Poesia do Além — Casimiro Cunha

Novos Rumos— Washington Borges de Souza

O Cristo e o Livro — Constâncio Alves

A Mediunidade Gloriosa de Yvonne A. Pereira — Fabiano Possebon

Aborto

Espiritismo Responsável — Gustavo G. Frões

Manual de Administração das Instituições Espíritas

3º Congresso Espírita Mundial

Espiritismo e Você — André Luiz

Federação Espírita Brasileira – Assembléia Geral Ordinária

Recepção no Centro Espírita — Clara Natércia

Seara Espírita

Assinatura de Reformador - Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, baseado nos ensinamentos dos Espíritos Superiores, é o tema de nossa capa neste mês, quando comemoramos 144 anos de sua publicação, ocorrida em 18 de abril de 1857. A obra basilar da Doutrina – escreve Juvanir Borges de Souza – “parte da idéia de Deus, o Criador; perlustra a criação, indo muito além do objeto da ciência terrena, que se tem ocupado somente com a matéria”. Por isso mesmo, decorridos quase um século e meio de sua existência, “*O Livro dos Espíritos* permaneceu íntegro – como ressalta o Editorial –, nos seus preceitos e ensinamentos e nas suas revelações, diante das ciências humanas e de suas conquistas”.

Editorial

O Livro dos Espíritos no Terceiro Milênio

Quando surgiu, em 18 de abril de 1857, *O Livro dos Espíritos* já trazia em seu *Prolegômenos* as seguintes observações que os Espíritos Superiores fizeram a Allan Kardec: “Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade.”

A primeira frase citada não deixa dúvidas quanto à autoria da Doutrina que os Espíritos revelaram à Humanidade através de vários médiuns, a que Allan Kardec denominou de *Espiritismo* ou *Doutrina Espírita*.

A segunda frase torna claro o objetivo da novel Doutrina: o de construir as bases de uma sociedade solidária e fraterna, com fulcro na realidade de que todos os homens são Espíritos imortais regidos pela lei de Justiça, Amor e Caridade, síntese de todas as normas divinas para a evolução dos seres.

Nos 144 anos de sua existência, *O Livro dos Espíritos* permaneceu íntegro, nos seus preceitos e ensinamentos e nas suas revelações, diante das ciências humanas e de suas conquistas.

A existência de Deus, o Mundo Espiritual, as vidas sucessivas, a pluralidade dos mundos habitados, o intercâmbio dos Espíritos com os homens, a moral do Cristo, expressa nos Evangelhos como a mais sublime norma de conduta para todos, e as demais revelações desse livro-síntese são verdades consolidadas pela força dos fatos e pela lógica das observações.

O Livro dos Espíritos chega, assim, ao Terceiro Milênio da Era Cristã realizando a sua tarefa de esclarecimento e consolação junto aos homens, fortalecido pela convicção de milhões de pessoas que o estudam, compreendem, aceitam e procuram colocar em prática os seus ensinamentos, realizando o seu aprimoramento moral e intelectual e construindo, desta forma, as bases do novo edifício social, “que se eleva, e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”. ●

O Livro dos Espíritos

JUVANIR BORGES DE SOUZA

A Doutrina Espírita, ou Espiritismo, é o corpo doutrinário mais lógico e seguro conhecido pelos homens, no campo filosófico-religioso-moral.

Suas verdades lastreiam-se nas realidades imanentes do espírito e da matéria, os dois elementos do Universo.

A obra basilar da Doutrina – O Livro dos Espíritos – parte da idéia de Deus, o Criador, perlustra a criação, indo muito além do objeto da ciência terrena, que se tem ocupado somente com a matéria.

O mundo dos Espíritos, a Vida nos seus múltiplos desdobramentos, as leis morais decorrentes de princípios divinos, ou naturais, a evolução dos seres em demanda da perfeição, a conexão entre antigos conhecimentos de posse dos homens e novas revelações trazidas pelas “Virtudes dos Céus” demonstram que essa síntese admirável – a Doutrina do Consolador – é a marca de um novo tempo, prevista e enviada pelo Cristo de Deus, caracterizando uma Nova Era para a Humanidade.

Todo esse conjunto de conhecimentos, de princípios, de leis morais, de ciência abrangente e não restrita à matéria, de deduções filosóficas verdadeiras porque baseadas em fatos é o que se denomina a Terceira Revelação, resultado de um planejamento superior e do esforço comum de um grupo de Espíritos Superiores com seus instrumentos encarnados na Terra.

O *Livro dos Espíritos* tem sua origem nesse trabalho conjunto entre dois planos de vida.

A essência provém dos Espíritos Reveladores, à frente o Espírito de Verdade. A mediação, a forma, o método, a sistematização dos assuntos e das matérias, os comentários judiciosos constantes da obra são de seu autor, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail – Allan Kardec – que se apoiou em “mais de dez médiuns” para o trabalho de recepção.

Essa obra, que se apresenta aos homens sob a forma de um livro, tem uma significação transcendente para toda a Humanidade.

Seu aparecimento, nos meados do século XIX, é, na realidade, o marco inicial de uma Nova Era, que se vinha preparando no decorrer dos séculos anteriores.

O homem já conhece muitas verdades, a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca, desde muitos milênios. São parcelas das realidades trazidas pelos emissários do Cristo, o Governador Espiritual deste Orbe, que deram origem às antigas religiões e a sistemas filosóficos.

A Mensagem do Cristo consolidou o que já havia de real, de verdadeiro na Revelação mosaica, retificando as distorções dos princípios do judaísmo, especialmente no tocante aos ensinamentos morais, que se tornaram os fundamentos do Cristianismo.

Mas a interpretação dos homens distorceu a Mensagem, dando-lhe sentido ao sabor dos interesses pessoais e institucionais das igrejas cristãs, a ponto de desvirtuá-la profundamente, com grave prejuízo da essência do Cristianismo primitivo.

Impunha-se, assim, a retificação dos enganos, a separação da dogmática criada à sombra dos princípios ensinados pelo Cristo mas com eles conflitantes, a retomada do caminho certo.

Essa retomada de rumos não se tornou possível senão dezoito séculos após a Grande Mensagem.

Enredou-se o mundo ocidental de tal sorte com os poderes políticos, feudais, da realeza e da autocracia, civil e religiosa, que se tornava praticamente impossível a reação e o retorno aos ensinamentos evangélicos na sua pureza primitiva.

Chegou-se ao ponto de utilizar a guerra e a violência em nome de Deus.

As Cruzadas e o Tribunal do Santo Ofício, com a Inquisição, de triste memória, atestam a impossibilidade do surgimento de uma retificação de enganos dos detentores do poder civil e religioso por muitos séculos.

Entretanto, a retomada do caminho certo estava prevista pelo Cristo, como prevista foi por Ele a deturpação de sua Mensagem.

A prova dessa antevisão está na promessa do envio do Consolador:

“Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará um outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece (...) mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse.” (João, 14:16-26.)

Antes da vinda do Consolador era necessário que os homens pudessem recebê-lo.

Para tanto havia necessidade da derrubada da autocracia, do absolutismo, da imposição sistemática, da ausência da liberdade.

Do fim da Idade Média, símbolo histórico do atraso, da ignorância e da intolerância da Humanidade, até meados do século XIX, quando eclode a Doutrina Consoladora, decorreram mais de três séculos.

Nesse período de renovação e de transição para uma nova civilização, ocorrem a invenção da imprensa, os grandes descobrimentos marítimos, a Reforma, o Iluminismo e a Revolução Francesa, acontecimentos que transformaram o mundo, implantando a liberdade e pondo fim ao absolutismo político e religioso.

Havia, portanto, no século XIX, condições para a eclosão da Nova Luz.

A liberdade de pensamento e de sua expressão garantia, na Europa e na América, como em todos os países civilizados, apesar da resistência de setores retrógrados das sociedades humanas, a manifestação de novas idéias, proporcionando largo avanço das ciências e do conhecimento em geral.

Nessas condições é que começam as manifestações espíritas, nos Estados Unidos da América e na Europa, numa clara demonstração de que os tempos do Consolador eram chegados.

Hoje, podemos perceber o planejamento espiritual para a vinda da Nova Luz.

O missionário maior da Nova Revelação estava à espera da grande missão, para a qual renasceu em 1804.

Os fatos inusitados das manifestações espirituais chamaram a atenção dos americanos.

As mesas girantes e falantes tornaram-se comuns nos salões europeus.

Era o prelúdio e os fundamentos fáticos do fenômeno espírita, largamente observados por quem tivesse “olhos de ver” mais profundamente o que significavam.

O Professor Rivail observou os fenômenos, estudou-os profundamente, tirou conclusões lógicas, usando o método experimental e a razão, os conhecimentos que detinha e o bom-senso, eliminando tudo que conduziu à ingenuidade e à credulidade excessiva.

De seu trabalho metódico e inteligente, usando o nome de sua antiga personalidade druida – Allan Kardec – surgiu o monumental *O Livro dos Espíritos*, sob a orientação do Espírito de Verdade.

...

A obra fundamental do Espiritismo foi lançada em 18 de abril de 1857, em sua feição original, posteriormente revista e reestruturada, sempre com a supervisão do Espírito de Verdade, resultando na segunda edição, definitiva, lançada a 16 de março de 1860.

A Doutrina Espírita está sintetizada nesse livro, que inaugura a Era Espírita neste Orbe.

Tanto a Lei antiga no que diz respeito a verdades incontestes, quanto os ensinamentos do Cristo, escoimados das deturpações humanas, somam-se às novas revelações do Mundo Espiritual.

Todo esse imenso cabedal de conhecimentos representa um vasto universo de difícil apreensão pelo homem, não fosse contornada a dificuldade pela Espiritualidade Superior, resumindo todo o acervo intelecto-moral no livro-síntese que é *O Livro dos Espíritos*.

Esse livro é, pois, alimento permanente para a inteligência e o sentimento humanos. Fala-nos silenciosamente sobre múltiplos assuntos, dirime nossas dúvidas, chama-nos a atenção para a vida que nos envolve e que se desdobra em mil formas, à nossa volta.

Ensina-nos a melhor compreender Deus, mas sobretudo senti-LO como o Criador, a Inteligência Suprema e causa primária de todas as coisas.

Revela-nos o sentido espiritual da vida, com sua progressão contínua dentro da Lei de Evolução, ora ligada à matéria, ora em estado livre.

Mostra-nos serem infinitos os Universos material e espiritual, criação de Deus.

Esclarece a tormentosa questão do Bem e do Mal e relaciona as Leis Morais de forma didática e simples para a compreensão das inteligências comuns.

Combate o materialismo, em suas diferentes faces, mostrando sua incongruência diante da realidade patente da existência de Deus, de suas leis, e do Espírito imortal.

Indica a realidade das vidas sucessivas na Terra, dando um novo e correto entendimento à antiga doutrina da reencarnação do Espírito, retificando os desvios e enganos das velhas concepções.

Coloca em evidência o caráter religioso da Doutrina dos Espíritos, escoimada dos cultos exteriores das diversas denominações religiosas, mostrando que a verdadeira adoração ao Criador há que partir do coração da criatura, de seus sentimentos e não de atos exteriores.

Este pequeno resumo mostra-nos a abrangência das matérias, das questões e das orientações dos Espíritos constantes do livro fundamental da Doutrina Espírita.

Mas estamos longe de alcançar, nesse resumo, o poder de síntese dos Espíritos Reveladores.

Por isso, cumpre a todo espírita sincero estudar sempre o livro-base da Doutrina.

Sua importância é tal que os próprios Autores Espirituais consideraram

necessário o seu desdobramento, sem modificação do original. Desse entendimento resultaram as demais obras da Codificação Kardequiana, cada qual estendendo e desenvolvendo partes do livro-síntese: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

Os próprios Espíritos Reveladores fizeram preceder ao corpo da obra de que foram autores duas observações que vamos transcrever aqui, por sua importância na elucidação de diversas dúvidas que assaltam os que se iniciam no estudo da Doutrina.

Eis os textos:

“As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram patentes a todos.”

“Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de Sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.” (*Prolegômenos*, p. 48, 80. ed. FEB.) (O grifo é nosso.) ●

Exaltação do Livro Espírita

Repositório feliz da trajetória histórica da Humanidade, o livro é o silencioso mensageiro dos tempos, apresentando os fastos das culturas do passado e as narrativas sobre homens e mulheres que desfilaram pelas páginas das diferentes épocas.

Desde as escritas rupestres às estelas de pedras, às argilas, papiros, pergaminhos, tábuas, peles de animais até o momento grandioso da descoberta do papel, a partir dos sinais toscos e informes até às letras e caracteres bem definidos, as mensagens vivas referindo-se às glórias e misérias da Humanidade passaram através dos seus registros de uma para outra geração, eternizando os acontecimentos.

Foi ele que auxiliou o desenvolvimento da razão humana e contribuiu decisivamente para a conquista do conhecimento, abrindo mais amplos e grandiosos espaços para o pensamento.

Imortalizado através dos evos, alcançou este momento relevante de tecnologia insuperável, permanecendo insubstituível.

Não obstante a glória da ciência virtual, ele prossegue oferecendo contribuição própria indispensável ao processo de evolução das criaturas.

Perpetuando o pensamento oriental, rico de sabedoria e de mística, na Grécia e em Roma preservou para o futuro a genialidade de Tucídides, de Ésquilo, de Hesíodo, de Sócrates, de Platão, de Aristóteles, de Hipócrates, de Leucipo, de Epicuro, de Heródoto, de Pitágoras, de Homero, de Cícero, de Ovídio e de incontáveis mensageiros de Deus e do progresso para auxiliarem o ser humano no avanço inevitável para a aquisição da sabedoria.

Posteriormente, em diferentes períodos, fez-se a alavanca para impulsionar a cultura, tornando-se responsável pelos momentos grandiosos das decisões magnas da sociedade.

Através de Shakespeare ou de Charles Dickens, de Dante Alighieri ou de Voltaire, de Teresa de Jesus, a santa de Ávila, ou de Jean-Jacques Rousseau, de Sórora Juana Inês de la Cruz ou do Marquês de Beccaria penetrou no bojo das criaturas humanas e fez desmoronar as masmorras da ignorância ou construiu-as na emoção de muitos, assinalando profundamente cada época.

Graças a Goethe através de *Sofrimentos do jovem Werther*, induziu ao suicídio inúmeros adolescentes frustrados afetivamente que se identificavam com o drama da infeliz personagem, sulcando vidas com amargura. O mesmo aconteceu com Tolstói, no seu *Anna Karenina*, de que se arrependeria dolorosamente mais tarde...

No entanto, noutros momentos desencarcerou milhões de vidas quando se apresentou como fonte geradora de esperanças no formato de obras espirituais em todas as culturas, culminando em o *Novo Testamento*, que retrata o maior momento da História.

Apesar da missão sublime de que se encontra investido, nem sempre aqueles que o escrevem dão-se conta da sua significação e objetivo.

Por isso, no livro espírita encontramos a mensagem de vida eterna desvestida de sortilégios e dogmatismo, refletindo a transparente claridade da Vida exuberante.

Foi Allan Kardec quem o brindou com eloqüente entusiasmo e imbatível coragem, lutando contra os preconceitos e as paixões servis ao apresentar em

Paris, em 1857, o Espiritismo, despido de sofismas e silogismos, das complexidades de sistema e dos conflitos de escolas filosóficas, através de *O Livro dos Espíritos*, hoje patrimônio da Humanidade.

Contendo as questões mais palpitantes do pensamento histórico analisadas pelos Imortais, é síntese de sabedoria em todos os sentidos, que as conquistas da ciência contemporânea vêm confirmando a cada dia.

Escrito com clareza meridiana e acessível aos diferentes níveis culturais, tem resistido às revoluções das diversas ideologias sem sofrer qualquer prejuízo de conteúdo ou de forma, transcorridos cento e quarenta e quatro anos após sua publicação.

Base de sustentação da Doutrina Espírita, desdobra-se em outros que são fundamentais para a compreensão do ser, do destino, da dor, dos objetivos essenciais, quais sejam: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese* em incomparável harmonia entre a ciência, a filosofia e a religião, unindo a razão ao sentimento, a ética à moral, o pensamento à emoção, como ninguém dantes o conseguira.

Graças a esse conjunto estrutural, desdobra-se em novos livros de orientação e consolo, de esclarecimento e debate, de informações valiosas e de revelações incomuns, dignificando a vida e todo os seres que habitam a Terra, por elucidar que o processo evolutivo é inestancável, a todos facultando a glória da plenitude.

Por essas razões, exaltamos o livro espírita, nele encontrando Jesus descruicificado e libertado dos mitos com que O ocultaram através dos tempos, retornando ao Planeta, a fim de erguê-lo na escala dos mundos e impulsioná-lo no rumo do Pai.

Vianna de Carvalho

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúnica do Centro Espírita Caminho da Redenção, na noite de 24 de janeiro de 2001, em Salvador, Bahia.)

Ao Livro dos Espíritos

INALDO LACERDA LIMA

Manancial de Luz e de Verdade
à Humanidade vindo do Criador;
Revelação da Vida ao mundo inteiro
que, por roteiro, expressa o Bem e o Amor!

Falas de Deus, suprema Inteligência
que é Todo Ciência, e do Infinito a Luz!
Fazes-nos ver, enfim, quanta firmeza
na assaz grandeza com que a Lei conduz!

Descreves-nos com tal sabedoria
toda a magia e glória universal,
que nos sentimos mergulhar no Espaço,
e a cada passo nos curar do mal...

Bênção de Deus, em Luz e plenitude,
quanta virtude em nós vens despertar
na expressão do saber, nos inspirando,
de quando em quando, ao nosso irmão amar!

E a Vida Espiritual! Que maravilha,
que alegre trilha e ascensional visão!
estimulas, em nós, fé e ventura
de ação futura para a Evolução!

Depois, nas Leis Morais, nos esclareces
como, nas preces, dialogar com Deus;
e termos, em Jesus, justo modelo
e, com desvelo, andar nos passos seus!...

Ó Livro dos Espíritos! Em tudo
nos és Estudo para o eterno Bem!
Nos ensinas ver Deus, a Eternidade,
e a faculdade de achar Luz no Além!...

Chico Xavier - O Mineiro do Século

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

Há noventa e um anos, renascia para o mundo material, na pequena Cachoeira das Três Moças, atual Pedro Leopoldo, aquele que seria, com o correr dos anos, a maior “antena psíquica” do Brasil e, quem sabe, do próprio Planeta. De sua longa existência, sempre marcada pelo sofrimento, pela luta e, muitas vezes, pela incompreensão e até exploração, setenta e quatro anos foram dedicados à sua missionária mediunidade com Jesus, fato que acabou por transformá-lo no grande manancial de divulgação da Doutrina dos Espíritos. Nascido Francisco de Paula Cândido, teve o seu nome mais tarde modificado para Francisco Cândido Xavier, posteriormente reduzido, carinhosamente, para Chico Xavier, ou Chico, como é tratado na intimidade.

Sobre ele muito já se escreveu e muito haverá de ser escrito, principalmente porque ainda não se conseguiu exprimir com a devida clareza e precisão a importância e o significado de sua presença entre nós, na condição de contemporâneo e conterrâneo. Todavia, por mais que se faça nesse sentido, permanece sempre a impressão de que tal encargo somente a história poderá desempenhar a contento. Para nós, por ora, resta, contudo, a certeza de que a responsabilidade que pesa sobre nossos ombros é incomensuravelmente grande, em face da circunstância de vivermos a sua época e de habitarmos o seu país.

Certa ocasião, tivemos a idéia de compará-lo a um outro Chico, também mineiro e também muito conhecido nacionalmente: o Rio São Francisco, o “Velho Chico”. São muitas as semelhanças entre os dois, mas uma delas se destaca sobre as demais: o serviço desinteressado ao próximo, fim último que sempre os moveu. Por outro lado, ambos se caracterizam pela mais absoluta e total humildade, facilmente constatada a partir de suas próprias origens. O Chico Xavier retornou ao plano físico, em obediência à inexorável lei dos renascimentos sucessivos, e para o fiel cumprimento da extraordinária e abençoada missão de que é titular, no seio de uma família cujas características mais marcantes sempre foram a humildade, a penúria, o sofrimento, as dificuldades de toda sorte. O outro, o “Velho Chico”, também renasce a cada segundo, de forma precária e destituída de qualquer alarde, num pequeno filete de água no alto da Serra da Canastra. Os dois, não obstante a simplicidade de seus nascimentos, representam a dimensão dos encargos que lhes foram cometidos e, enfrentando e superando os percalços e vicissitudes próprios de suas longas jornadas, seguem, mansos e pacíficos, conduzindo a vida e o progresso, a esperança e o reconforto, a quantos encontram pelo caminho.

Servir é o verbo que conjugam ininterruptamente, em total consonância com a lição de Jesus, que se declarou o grande servidor da Humanidade (Mateus, 20:28). Chico Xavier na vivência integral dos princípios evangélicos, irradiando esperança e consolação para os que o procuram diretamente ou para os que dele se servem, através de suas quase cinco centenas de livros publicados. O “Velho Chico” ensinando a brasileiros de vários Estados que se sintam mais próximos uns dos outros e que as culturas diferentes que possuem não sirvam de entrave ao seu conagração solidário e fraterno.

De um outro modo, poderíamos dizer, outrossim, que o Chico é a própria personificação do acendedor de lampiões, do soneto de Jorge de Lima. Em

cada livro que escreve, em cada conselho que dá, em cada exemplo de que se constituem os pequenos atos de sua vida, está sempre acendendo mais um foco de luz, “parodiando o sol e associando-se à lua”, a fim de diminuir as trevas em que muitos de nós se comprazem em permanecer! Isso se repete a cada dia, quando as “sombras da noite enegrecem o poente” de nossas vidas, eivadas de vícios e de erros. E, a exemplo do acendedor de lampiões do poeta, que, “por ironia atroz, doira a noite e ilumina a cidade e talvez não tenha luz na choupana que habita”, a pobreza franciscana em que sempre viveu o Chico diz bem de sua constante preocupação de cuidar primeiro do semelhante e de relegar-se ao mais absoluto segundo plano, no que tange ao conforto material.

Mas, da mesma forma que “este acendedor de lampiões da rua”, que com a sua repetida e diuturna atividade, traz, para muitos, entre outras coisas, “amor e felicidade”, também o Chico, com sua simples presença física, irradia amor, esperança e consolação.

Essas considerações, contudo, não conseguem traduzir plenamente o sentimento de gratidão, de respeito e de admiração que dedicamos a Chico Xavier. São meras figuras de retórica com que tentamos, nos estreitos limites da linguagem humana, dizer um pouco daquilo que sentimos a seu respeito.

Talvez, em razão disso, a sua escolha, como “**o mineiro do século**”, em promoção conjunta da Telemar e da Rede Globo, realizada no final do ano passado, tenha encontrado tanto eco nos corações dos que o amam e admiram. A sua votação, para a qual todos contribuímos, superou a de figuras internacionalmente conhecidas pelo carisma de que são portadoras e pela constante cobertura que sempre a mídia lhes dedicou. Concorreram ao título, juntamente com ele, Santos Dumont, Carlos Chagas, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Juscelino Kubitschek, Pelé, Betinho, Ari Barroso e Sobral Pinto, nomes de reconhecido destaque na ciência, nas artes, na literatura, no direito, no esporte e na política.

E, não obstante tantos Golias pela frente, o pequeno Davi de Pedro Leopoldo, o cisco, como se auto-intitula, levou a melhor!

A sua escolha foi, além de uma forma espontânea de extravasar o carinho de que é merecedor em todos os segmentos da sociedade, uma autêntica demonstração do reconhecimento público ao seu trabalho infatigável, desinteressado e anônimo em benefício do próximo, à sua humildade, à sua capacidade de renunciar, de perdoar, de compreender e de amar, de viver enfim como deveríamos viver, todos nós que nos dizemos cristãos...

Não foi um triunfo com as conhecidas conotações que acontecimentos dessa ordem trazem consigo e acarretam na sociedade. Nele não existe qualquer resquício de sectarismo religioso, nenhuma preocupação de afirmação do Espiritismo em face de outros credos religiosos. Sabemos que o Chico jamais aceitaria esse posicionamento, por colidente com a Doutrina e com a mensagem evangélica que ele prega e vivifica.

Mas, a toda evidência, ele nos encheu de alegria! Da alegria incomensurável de ver, publicamente reconhecido, o valor do “homem chamado amor”!

●

Mocinhos e Bandidos

RICHARD SIMONETTI

Lucas, 9:51-56

Jesus decidira atravessar a Samaria, não obstante a hostilidade de seus habitantes.

Durante a jornada, alguns companheiros adiantaram-se para pedir pousada numa aldeia.

Ninguém quis hospedá-los, mesmo porque se dirigiam a Jerusalém, cidade que sustentava as divergências maiores com os samaritanos. Eles não a aceitavam como a sede do judaísmo.

Jesus recebeu serenamente a notícia, mas os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu, não se conformaram.

Afinal, era da tradição que se acolhesse o viajor.

Além do mais, tratava-se do Messias!

Indignados, imaginaram inusitada represália:

– *Senhor, queres que mandemos desça fogo do céu e os consuma, assim como fez Elias?*

Imagino Jesus a sorrir, ante tão desvairada sugestão.

E os admoestou:

– *Vós mesmos não sabeis de que espírito sois, pois o filho do homem não veio para destruir os homens, mas para salvá-los.*

Tiago e João ficariam conhecidos como os irmãos Boanerges, *filhos do trovão*, em virtude de sua impetuosidade, sempre prontos às soluções mais drásticas para os problemas do grupo.

Explica-se:

Conviveram com João Batista, que também tinha essa índole. Tiago foi seu discípulo antes de ligar-se a Jesus. Aparentemente, ambos ainda estavam identificados ao seu perfil.

Inspiraram-se num episódio ocorrido com o próprio João Batista, oito séculos antes, quando pontificara como o austero profeta Elias (II Reis, 1:9-15):

Acazias, rei da Samaria, enviou um capitão comandando cinqüenta soldados para prendê-lo.

Foram encontrá-lo no topo de um monte.

– *Homem de Deus, desce – disse o capitão.*

E Elias:

– *Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e consuma a ti e aos teus cinqüenta.*

Desceu fogo do céu e os matou a todos.

O rei enviou outro capitão, com mais cinqüenta.

A mesma história:

– *Homem de Deus, desce.*

– *Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, e consuma a ti e aos teus cinqüenta.*

Foram todos reduzidos a cinzas.

O rei insistiu.

Novo destacamento, com a mesma quantidade de soldados.

O capitão, prudentemente, pôs-se de joelhos e implorou ao profeta que não os consumisse.

Certamente ele teria ignorado o pedido, não fosse a interferência de um anjo, que lhe recomendou seguisse com os soldados.

Para Elias, os homens eram “mocinhos” ou “bandidos”.

Que ardessem no fogo os bandidos, aqueles que contrariavam a “vontade de Jeová”, que costumava confundir com sua própria vontade.

Exatamente o que pretendiam Tiago e João, em relação aos samaritanos.

Obviamente ainda não haviam assimilado a mensagem cristã, e também dividiam os homens em “mocinhos” e “bandidos”.

...

Essa tendência sustenta o absolutismo religioso, a pretensão de que Deus tenha representantes exclusivos na Terra, intérpretes infalíveis de Seus desígnios – os “mocinhos”.

Contraopondo-se, aqueles que pensam diferente – os “bandidos”.

Tal equívoco, a par das tendências humanas à agressividade e à intolerância, fez correr rios de sangue na História.

Vemos, com freqüência, estes “prepostos divinos” empunhando a espada para combater os “infiéis”.

Os judeus foram dignos representantes do Absolutismo, concebendo que todo inovador deve ser recebido com pedradas.

Atravessaram séculos da sua história passando a fio de espada os “bandidos”.

O Cristianismo foi “mocinho” e, também, “bandido”.

Os cristãos foram cruelmente perseguidos pelos pagãos, ao longo dos séculos, nos primórdios do Cristianismo.

“Mocinhos”, sacrificados por “bandidos”.

Depois mudaram de lado.

A partir do século IV, quando Constantino iniciou o movimento que o transformaria em religião oficial do Império Romano, o Cristianismo passou a impor seus princípios pela força, guerreando sem tréguas os adeptos de outras crenças.

Rios de sangue correram durante as funestas Cruzadas, quando os cristãos da Europa pretenderam libertar o solo sagrado da Palestina do jugo árabe, substituindo a cruz pela espada.

A Inquisição, responsável pela morte de dezenas de milhares de pessoas, é triste exemplo dessa intolerância.

A mesma pergunta de Jesus serve para todos:

De quem era essa gente?

De que espírito?

Certamente, não eram de Deus!

...

Na atualidade temos no Oriente Médio um caldeirão em ebulição,

envolvendo problemas geográficos, políticos e religiosos, entre árabes e judeus.

Julgam-se todos “mocinhos”.

Comportam-se como “bandidos”.

Os judeus não titubeiam, a qualquer ameaça, em bombardear populações indefesas.

Fundamentalistas árabes partem para o terrorismo. A ignorância e o fanatismo são tão grandes, que alguns assumem postura *kamikase*. O terrorista amarra explosivos em seu corpo. Faz-se bomba viva, que explode em locais movimentados, matando inocentes.

Comete essa atrocidade convicto de que ganhará o paraíso, por sua bravura. Terá a servi-lo setenta e duas virgens. Um prêmio que deve balançar a cabeça de muita gente. Um harém no Além!

De quem são esses Espíritos?

Certamente, não são de Deus.

Não agem por inspiração divina.

São Espíritos da intolerância, do atraso, do preconceito, da loucura humana.

...

Tudo seria bem diferente se atentássemos para a advertência de Jesus aos irmãos Boanerges:

– *Vós mesmos não sabeis de que espírito sois.*

Antes de nos considerarmos “mocinhos”, é preciso definir se realmente representamos a vontade divina.

Se nos inspiramos em Deus é inconcebível agredir, ainda que com palavras, adeptos de outras religiões, já que eles também são seus filhos – nossos irmãos!

Obviamente, o mais elementar dever de fraternidade impõe que admitamos sua liberdade de consciência e o direito de adotarem princípios compatíveis com suas necessidades, sua cultura, seu entendimento...

Para Deus não importa se somos católicos, espíritas, protestantes, budistas, muçulmanos...

Não importa nem mesmo se somos ateus!

O que o Criador espera de nós é que nos comportemos como seus filhos.

...

Se não freqüentamos a mesma igreja, sejamos bons vizinhos.

Se não temos as mesmas convicções, respeitemos as alheias.

Se não caminhamos juntos, sigamos na mesma direção, exercitando a fraternidade.

Quando nos comportarmos assim, não haverá mais “mocinhos” e “bandidos”.

Estaremos todos no lado certo – ao lado de Deus ●

As Religiões e as Utopias

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

O principal objetivo das religiões é auxiliar o homem e dar-lhe o apoio necessário no processo continuado e incessante de aperfeiçoamento ético-moral, o qual se realiza principalmente na intimidade do ser. O fenômeno religioso, como característica antropológico-cultural, é assaz complexo e as instituições religiosas costumam exercer enorme influência de natureza política e social. Contudo, o objetivo apontado supera e transcende todos os outros, porque diz respeito ao futuro do ser humano individual e coletivo, visto sob a perspectiva da vida material, na face da Terra, ou após morte, na dimensão espiritual.

O sentimento religioso e a religiosidade acompanham a criatura humana desde os primórdios. Devem ter desabrochado na mesma época e talvez como resultado das primeiras manifestações da consciência. Ainda não se têm indícios suficientes, mas é bastante provável que aquelas manifestações tenham coincidido com os primeiros pré-hominídeos surgidos há aproximadamente três milhões de anos. No decorrer de milênios, exteriorizavam-se, em sua singeleza, sob a forma de ritos, destinados a venerar, aplacar ou agradecer aos totens, aos espíritos da natureza ou a entidades superiores que, de alguma forma, influenciavam a vida e o destino dos homens.

Naquela época recuada, através do que se conhece hoje como Totemismo, Animismo e Politeísmo, nesta ordem cronológica, a religião, como corolário do sentimento religioso, já exercia o seu papel fundamental. Fazia-o, contudo, em consonância com o estágio evolutivo espiritual daquelas criaturas e com as realidades e condições de vida de povos primitivos, geralmente nômades, os quais dedicavam a maior parcela de tempo à busca do alimento e à luta pela sobrevivência. Tanto assim é que são abundantes os registros que demonstram o uso de sacrifícios humanos em rituais religiosos, durante a pré-história. Esse tipo de prática não era incomum nos primórdios das primeiras civilizações. Aos poucos, com o desenrolar do processo civilizatório, as vítimas humanas foram sendo substituídas por animais, como pombos e cordeiros.

A religião, naquele contexto, era fator moderador das manifestações dos impulsos e instintos naturais e, dessa forma, contribuiu decisivamente para as transformações sociais e para o paulatino distanciamento do gênero humano da anterior condição de simples animal.

Analisando a questão de uma perspectiva mais recente, o seu papel, *mutatis mutandis*, permanece o mesmo, em linhas gerais, apesar de as grandes instituições religiosas terem freqüentemente adotado no passado procedimentos não condizentes com os princípios ético-morais que constituíam a base da revelação que lhes dera origem. Não havia, por exemplo, no Santo Ofício da Inquisição, nas Cruzadas ou na venda das indulgências, a menor parcela que seja do pensamento de Jesus de Nazaré, do qual emanava apenas amor e misericórdia.

Podemos relegar, contudo, tais coisas à poeira da História e considerar que os ventos da renovação estão aos poucos atingindo as religiões tradicionais. Há grande expectativa de que as mudanças se processem, não apenas exteriormente, nos procedimentos litúrgicos, o que é de somenos importância, mas principalmente no âmago da doutrina. Que esta resgate o Cristianismo, em toda a sua singeleza original, e também se harmonize com a ciência e as leis

naturais.

O Espiritismo, surgido na França, a partir de meados do século XIX, com a Codificação procedida por Allan Kardec, vem contribuindo de forma efetiva para esse objetivo. Atuando de maneira serena e sem alarde, poderá fazê-lo ainda com maior abrangência e profundidade. O Consolador, prometido à Humanidade por Jesus há dois mil anos, não deverá constituir-se em mais uma instituição religiosa, a disputar com tantas outras o aliciamento de fiéis em potencial. A sua mensagem é de tal forma universal e abrangente, que seria insensatez mantê-la nos limites de uma organização sectária. Ele deverá influenciar e permear, com vistas ao enriquecimento, não só a doutrina e os cânones das confissões religiosas, como também os diversos campos do conhecimento, na área da ciência e da filosofia.

É este o caminho que o Espiritismo deve trilhar, se quiser contribuir efetivamente para transformar o mundo. Ele não é uma religião e nem se constitui numa ciência ou num ramo da filosofia. É tudo isso ao mesmo tempo. Tem origem na revelação, complementada pelo método racional indutivo-dedutivo, e dinamiza-se através de uma metodologia científica própria e bem estruturada, baseada na observação e na experimentação. Esse tripé, formado de ciência, filosofia e religião, almeja a síntese suprema, que é a implantação do “Reino de Deus” na Terra, isto é, do *amai-vos uns aos outros*, como preconizava o Divino Mestre.

O progresso ético-moral, espiritual e social da Humanidade é um velho ideal, subjacente na alma dos povos, desde épocas remotas. Tem estado presente na mente e no coração de grandes líderes, das mais diversas tendências. À medida que a evolução se processava, este ideal exteriorizava-se e tornava-se mais patente. As resistências sempre foram imensas, porque a imperfeição espiritual está consubstanciada no orgulho e no egoísmo, que são entranças de difícil remoção.

Movimentos e propostas de natureza social e política têm-se sucedido ao longo da História, visando à melhoria da qualidade de vida das comunidades humanas e o aperfeiçoamento das instituições, muitos dos quais não se concretizaram, por excessivamente utópicos. Utopia, aliás, é uma palavra que significa projeto irrealizável e que provém, por generalização, do topônimo cunhado por Thomas More (1478-1535), em sua obra *Sobre o melhor Estado e sobre a nova ilha Utopia*, ou, simplesmente, Utopia. Nela, More descreve o Estado ideal, em que tudo funciona à perfeição. Não existe fome, miséria, conflitos... Todos trabalham, a renda é igualitariamente distribuída e não há desequilíbrios sociais. O modelo da *Utopia* proposto por More parece ter sido inspirado na *República* de Platão, da qual seria uma versão renascentista.

Numerosas utopias, baseadas na *Utopia* de More, sucederam-se como modelos de organização social. Muitos a consideram precursora do socialismo, tendo exercido maior ou menor influência na Revolução Francesa, nas diversas propostas socialistas do século XIX, no pensamento de Karl Marx e até mesmo no comunismo de Estado, como o que vigorou na União Soviética, a partir de 1917, ano decisivo para a Revolução Russa e da tomada do poder pelos bolchevistas, liderados por Lenin. (Em 1918, foi erigida uma estátua de Thomas More em Moscou.)

É preciso frisar, contudo, que, a rigor, não é muito apropriado considerar certas construções teóricas, a exemplo do marxismo, como verdadeiras utopias, de acordo com o sentido original.

Os trabalhos de Marx são, antes de tudo, uma análise crítica de

realidades sociais e, principalmente, econômicas que vigoravam em sua época (meados do século XIX), na Europa, em particular, na Inglaterra. Mais precisamente constituem-se em arguta crítica do capitalismo, com apoio nos chamados *materialismo histórico* e *materialismo dialético*. O termo *materialismo* aqui adjetivado tem no contexto um significado preciso, como antítese ao idealismo, o qual propõe que são as idéias o fator propulsor do processo e das mudanças históricas. O materialismo histórico (ou concepção materialista da História) atribui ao modo e aos fatores de produção das coisas da vida material os condicionantes da vida intelectual, social e espiritual. O materialismo dialético prescreve que os processos de transformação resultam de forças antagônicas e opostas que, ao interagirem, conduzem à síntese almejada.

Não se deve portanto confundir os conceitos acima expostos com o materialismo entendido como antítese de *espiritualismo* (que admite a existência no Universo de um princípio espiritual, independente da matéria). Esse materialismo, que considera a matéria como única realidade, é conhecido por denominações diversas, como cosmológico, mecanicista, entre outras.

A obra fundamental de Marx é *O Capital – Uma Crítica da Economia Política*, na qual expõe as distorções do sistema capitalista, suas contradições internas e as injustiças sociais nele implícitas. Neste e em outros textos que o antecederam, com destaque especial para o *Manifesto Comunista*, escrito em parceria com Friedrich Engels, ele propõe mudanças sociais efetivas. São essas propostas que contêm em seu âmago grandes doses de utopia, se se considerar o estágio evolutivo atual da Humanidade.

O socialismo ou qualquer outro sistema que tenha por meta a justiça social só poderá vigorar com sucesso quando mazelas, como o egoísmo e o orgulho, forem varridas da face da Terra. Enquanto isso, qualquer proposta de implantá-lo a curto ou médio prazo segue sendo utópica, porque a argamassa, a matéria-prima fundamental, que é o ser humano, ainda não está preparada. A condição *sine qua non* é a reforma íntima de cada um. É com este desiderato que as religiões devem assumir seu papel principal e as mudanças que nelas se processam são, por isso mesmo, de fundamental importância para a evolução moral e social da comunidade humana, através do aperfeiçoamento espiritual de cada habitante do Planeta.

A Terra está para galgar mais um degrau na escala evolutiva e transformar-se em *mundo de regeneração*, conforme os Espíritos Superiores vêm anunciando há décadas. É possível que isso ocorra no decorrer do terceiro milênio. Depende fundamentalmente do esforço de todos nós, na busca incessante e continuada da reforma íntima, que se traduz basicamente em nos despojarmos do orgulho e do egoísmo. Todo o resto vem por acréscimo, como disse Jesus. ●

Sorriso de Paz

“As variações de humor têm um lugar reservado no cérebro: o lado direito do lobo frontal. É lá onde “mora” a habilidade humana de reconhecer uma piada e distinguir o que é engraçado daquilo que é trágico. A conclusão é de um estudo da Escola de Medicina da Universidade de Rochester, em Nova Iorque, apresentado mês passado na reunião anual da Sociedade Norte-americana de Radiologia, em Chicago.”

A informação está em matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* (Av. Brasil, 500 – São Cristóvão – CEP 20949-900) Rio de Janeiro, RJ) com o título “Revelada origem do riso”.

...

A alegria expressa através do riso, ou de um simples sorriso, com certeza torna a vida mais saudável. Emmanuel, no capítulo “Confiemos Alegrementemente”, do livro *Palavras de Vida Eterna*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, faz significativos comentários sobre o assunto.

“Lembra-te das mercês que o Senhor te concede pelos braços do tempo e espalha gratidão e alegria onde estiveres...”

Repara as forças da Natureza,

a emergirem, serenas, de todos os cataclismos.

Corre a fonte cantando pelo crivo do charco...

Sussurra a brisa melodias de confiança após a ventania destruidora...

A árvore multiplica flores e frutos, além da poda...

Multidões de estrelas rutilam sobre as trevas da noite...

E cada manhã, ainda mesmo que os homens se tenham valido da sombra para enxovalhar a terra com o sangue do crime, volve o Sol, em luminoso silêncio, acalentando homens e vermes, montes e furnas.

Ainda mesmo que o mal te golpeie transitoriamente o coração, recorda os bens que te compõem a riqueza da saúde e da esperança, do trabalho e do amor, e rejubila-te, buscando a frente...

Tédio é deserção. Pessimismo é veneno.

Encara os obstáculos de ânimo firme e estampa o otimismo em tua alma para que não fujas aos teus próprios compromissos perante a vida.

Serenidade em nós é segurança nos outros.

O sorriso de paz é arco-íris no céu de teu semblante.

“Regozijai-vos sempre” – diz-nos o apóstolo Paulo.

E acrescentamos:

– Rejubilemo-nos em tudo com a Vontade de Deus, porque a Vontade de Deus significa Bondade Eterna.”

Fonte: SEI, de 6-1-2001.

Esflorando o Evangelho – Emmanuel

Tende Calma

“E disse Jesus: Mandai assentar os homens.”

(João, 6:10)

Esta passagem do Evangelho de João é das mais significativas. Verifica-se quando a multidão de quase cinco mil pessoas tem necessidade de pão, no isolamento da natureza.

Os discípulos estão preocupados.

Filipe afirma que duzentos dinheiros não bastarão para atender à dificuldade imprevista.

André conduz ao Mestre um jovem que trazia consigo cinco pães de cevada e dois peixes.

Todos discutem.

Jesus, entretanto, recebe a migalha sem descrer de sua preciosa significação e manda que todos se assentem, pede que haja ordem, que se faça harmonia. E distribui o recurso com todos, maravilhosamente.

A grandeza da lição é profunda.

Os homens esfomeados de paz reclamam a assistência do Cristo. Falam nEle, suplicam-lhe socorro, aguardam-lhe as manifestações. Não conseguem, todavia, estabelecer a ordem em si mesmos, para a recepção dos recursos celestes. Misturam Jesus com as suas imprecações, suas ansiedades loucas e seus desejos criminosos. Naturalmente se desesperam, cada vez mais desorientados, porquanto não querem ouvir o convite à calma, não se assentam para que se faça a ordem, persistindo em manter o próprio desequilíbrio.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 25, p. 65-66.

Pierre-Gaëtan Leymarie – Centenário de Desencarnação

*R*eformador registrou em 1º de junho de 1901 a desencarnação de P.-G. Leymarie, enaltecendo-lhe as qualidades morais e os relevantes serviços prestados ao Espiritismo na França e no mundo.

*Hoje, após 100 anos, reiteramos nossas homenagens a esse fiel obreiro da seara espírita, digno continuador da obra de Allan Kardec, e o fazemos transcrevendo aqui a biografia publicada em **Les Pionniers du Spiritisme en France** (1906), por J. Malgras, com notas do tradutor Z. W.*

Acrescentamos a esta transcrição breves traços biográficos de sua mulher e companheira de lutas em todos os momentos de sua vida: Marina Leymarie.

Pierre-Gaëtan Leymarie nasceu em Tulle, França, a 2 de maio de 1827, filho de distinta família. Cedo, para não sobrecarregar as despesas da família, então numerosa, interrompeu seus estudos, e se dirigiu para Paris, a fim de colocar-se, contando exclusivamente com o seu trabalho e com os seus próprios esforços.

Interessado vivamente por todas as idéias generosas, tornou-se ardente republicano e foi, por ocasião do golpe de Estado de 1851, arrolado entre os adversários irredutíveis do Cesarismo e forçado a exilar-se. O destino colocou-o em contato com a elite do partido proscrito, o que, de algum modo, não deixou de contribuir para o desenvolvimento de seu espírito de combatividade e ao mesmo tempo de proselitismo.

Proclamada a anistia, voltou à França, casou-se e tomou a direção de uma casa comercial, até 1871. Uma voz autorizada¹ disse, referindo-se a ele, que se os negócios dele não prosperaram, pelo menos sua probidade foi escrupulosa e nenhuma acusação jamais o pôde atingir.

Amante dos livros, quer tratassem de questões políticas, sociais, científicas, religiosas ou literárias, quantos lhe caíssem às mãos eram lidos e assimilados.

Não poderiam os fenômenos e a doutrina do Espiritismo encontrá-lo indiferente. Foi um dos primeiros a entusiasmar-se com essas inquietantes questões, e, quando Allan Kardec inicia a publicação da Revue Spirite e de suas obras, e dá começo às suas sessões de estudos e experimentações, não tardou ele de contar Leymarie entre seus mais ardentes discípulos². Sob a direção do mestre, médiuns se desenvolvem, e, em dada ocasião, pôde-se ver (acontecimento que a história do Espiritismo assinalará e dele conservará orgulhosa memória) três jovens, ainda obscuros e desconhecidos, três médiuns sentados à mesma mesa, a se voltarem – fato estranho e novo que dera motivo a zombarias – para essas experiências, tão antigas entretanto, da telegrafia misteriosa entre os dois mundos: o dos Espíritos e o nosso. Esses três experimentadores, cujos destinos seriam dessemelhantes, mas iguais permaneceriam no devotamento, na fidelidade e nos serviços prestados à Doutrina, eram: Camille Flammarion, Victorien Sardou e Pierre-Gaëtan Leymarie.

Antes do seu decesso, Allan Kardec organizou uma Sociedade anônima, de capital variável, à qual legaria os seus bens, e isto com a finalidade de assegurar o desenvolvimento regular e contínuo do Espiritismo. Leymarie, um

dos primeiros a tomar parte na Sociedade, dois anos depois da desencarnação do mestre foi nomeado administrador dela, passando, ao mesmo tempo, a redator-chefe e diretor da *Revue Spirite*.

Durante trinta anos, isto é, durante o largo e difícil período em que o Espiritismo era quase continuamente alvo de toda espécie de zombarias e ataques, Leymarie esteve em luta constante, batalhando ininterruptamente através da palavra verbal ou escrita, oferecendo na *Revue* terreno livre aos lutadores de todas as correntes, com a condição de que defendessem causas espiritualistas ou de ordem essencialmente humanitária e moral, expondo-se assim às críticas acirradas de uns, às acusações ou ao descontentamento de outros; todavia, Leymarie jamais se afastou da divisa do mestre: “Fora da Caridade não há salvação”, e procurou subtrair de todas as discussões os atritos pessoais e todas as questões irritantes.

...

Vejam-lhe a obra. Inicialmente, ele justifica que para a difusão desta luz, o Espiritismo, é necessário preparar os espíritas, instruí-los e esclarecê-los. E quando o seu amigo Jean Macé lhe expõe o projeto de fundar a Liga do Ensino, ele se oferece com entusiasmo para auxiliá-lo, e, com a Senhora Leymarie, sua dedicada colaboradora, contribui para essa criação, não só com seu concurso ativo e pessoal, senão que também com a sua residência à Rua Vivienne, de sorte que mui justamente se pode dizer que a casa de Leymarie foi o berço da Liga do Ensino, da qual Emmanuel Vauchez se tornaria secretário-geral.

Às questões de ensino, sucedem-se, nas preocupações de Leymarie, as questões sociais; assim, seja nas páginas da *Revue*, seja em numerosas e eloqüentes conferências, ele propaga a existência do estabelecimento, conhecido no estrangeiro, mas quase ignorado em França – o *Familistério de Guise*, no qual são praticados pelo seu fundador J.-B. Godin, de maneira feliz e ampla, os princípios da associação do Capital e do Trabalho. Leymarie se une a Godin, e, enquanto lhe propaga os escritos, não se descuida dos interesses propriamente ditos da Doutrina. Noticia as experiências de William Crookes e registra os primeiros ensaios de fotografia espírita. Ele próprio faz experiências com um médium-fotógrafo e obtém uma série de manifestações reais, que ele publicou na *Revue*. Mas chegou o dia em que a sua boa-fé foi iludida. Os inimigos do Espiritismo, à espreita de tudo quanto pudesse entrar o movimento crescente da Doutrina, aproveitaram-se com empenho de um processo para lhe dar, ao Espiritismo, um grande golpe e exterminá-lo através da poderosa arma do ridículo. Com efeito, foi mais um processo movido contra os espíritas, do que propriamente um processo relativo a fotografias. Leymarie, como bode expiatório, foi acusado de todos os delitos, escarncido e condenado. Esclarecemos que tal condenação foi anulada (tempos depois de cumprida a pena de prisão), com a reabilitação completa dele, e que o Espiritismo saiu dessa prova mais forte que nunca, ao mesmo tempo que Leymarie teve aumentada a estima, a confiança e a simpatia geral dos amigos sinceros da causa³.

Em 1878, ao lado da *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, Leymarie organiza a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos. Congrega, em torno desta obra, os homens mais eminentes, como Charles Fauvety, Eugène Nus, René Caillé, Camille Chaigneau, Tremeschini, Charles Lomon, Dr. Chazarain, etc.

Em seus trabalhos, esta Sociedade se dedicava igualmente ao estudo das

teorias e das experiências do magnetismo animal e da mediunidade, estudando-se ainda as obras originais de Cahagnet e de Roustaing, a doutrina de Swedenborg, o grande precursor do Espiritismo, bem como o atomismo, a teosofia, o budismo, o transformismo e, por fim, o ocultismo.

Com Leymarie, prossegue a tradução das obras de Allan Kardec em todas as línguas do mundo civilizado, ao mesmo tempo que se inicia, para continuar com êxito por vários anos, o trabalho de conferências.

O diretor da *Revue Spirite* coloca-se à frente daqueles que vão espalhar por toda parte a nossa salutar e reconfortante Doutrina. É ele visto sucessivamente pela França, em todos os centros importantes⁴, indo, depois, à Bélgica, Itália e Espanha.

Como delegado, ele toma parte no 1º Congresso Espírita realizado em Bruxelas. Em 1888, foi escolhido para ser um dos quatro presidentes efetivos do Congresso Espírita de Barcelona, no qual se verificou o fato extraordinário e emocionante da leitura de bela moção de gratidão enviada da prisão de Tarragona por um grupo de condenados a trabalhos forçados, convertidos à fé espírita.

Em 1889, Leymarie organiza o 1º Congresso Espírita na França⁵, mas se esquiva de posições e se limita a aceitar a vice-presidência de uma seção.

A administração da Sociedade dia a dia lhe absorve o tempo, pois que, elevando-se os recursos dela com a liberalidade de um dos seus membros, o Sr. Jean Guérin, as dificuldades de gerência surgiam e cresciam continuamente.

Tal como procedeu Allan Kardec, Guérin, antes do seu passamento, tomou todas as providências para assegurar o benefício de seus bens à Sociedade Científica do Espiritismo; mas surdas hostilidades surgem e encontram, na lei, artigos para inutilizar a vontade do extinto.

A luta começa quase que no dia imediato ao do falecimento de Guérin. Processos e mais processos e, quando se supõe haver chegado ao fim, quando se crê ter adquirido ao menos a tranqüilidade, eis o processo dos herdeiros de Kardec, a apoiar-se no dos herdeiros de Guérin, e tudo recomeça e continua, até que, por fim, apesar de uma resistência vigorosa e perseverante, a Sociedade, representada e administrada por Leymarie, sucumbe.

Todavia, tantas provas não foram suficientes para prostrá-lo ou afastá-lo do dever. Em meio dos maiores aborrecimentos e inquietações, ele prossegue valorosamente em sua tarefa e torna conhecidos os trabalhos e as principais obras de escritores espiritualistas, com os quais, em sua maior parte, ele se acha em contacto, tais como: em França, E. Nus, Léon Denis, Ernest Bosc, Encausse (Papus), Gibier, Baraduc, Sras. Noeggerath e Annie Besant, Comandante Courmes, Gabriel Delanne, Strada, etc.; na Inglaterra, R. Wallace, Lodge, Stainton Moses; na Rússia, Aksakof; na América, Van der Naillen; na Itália, Chiaia e o Professor Falcomer.

Em 1898, ele enviou ao Congresso Internacional dos Espiritualistas, em Londres, um trabalho particular sobre a *Evolução e a Revelação*.

Na *Revue*, repetidamente deu publicidade a questões relativas ao estabelecimento da paz pela arbitragem, à emancipação da mulher, à obra dos liberados de S. Lázaro e até ao estudo de inteligência entre os animais, ao qual consagrou interessantes páginas.

...

Leymarie foi filho de suas próprias obras. Pela perseverança no estudo,

pela energia e constância no trabalho, assim como pelo seu espírito conciliador e tolerante, ganhou a confiança de Allan Kardec e conquistou a simpatia da maior parte dos pensadores espiritualistas do seu tempo. Sua fé profunda fez dele um conferencista e escritor espírita. Improvisava suas conferências, e a palavra lhe saía ardente, vibrante, cheia igualmente de convicção e do desejo de convencer. Seus escritos eram obra do primeiro jacto; a forma era neles sacrificada, em benefício do pensamento. Foi, como ele próprio se considerava, um publicista, mas publicista sério, propagandista ardoroso, de boa-fé, um profundo e erudito pensador.

Ao lado do pensador, nele havia ainda o homem dedicado e sensível, desinteressado e caridoso, que esquecia as injúrias, que amava profundamente sua família e os amigos, que não repelia ofensas, aceitando os sofrimentos físicos e morais como provas salutares, e informando-se das angústias do próximo para partilhá-las e amenizá-las.

Desencarnou em 10 de abril de 1901, após longa e dolorosa enfermidade que lhe abateu a robusta constituição, deixando-lhe, porém, intacta, até ao fim, sua alma enérgica e varonil.

De acordo com as suas últimas vontades, seu corpo foi incinerado. As cinzas repousam no Père-Lachaise, sob um dólmen, em cuja pedra se lê a seguinte inscrição: “Morrer é deixar a sombra para entrar na claridade.”

...

Recordando-nos de Leymarie, é justo e meritório que rendamos a nossa homenagem àquela que lhe foi a companheira devotada em todos os momentos: Madame Marina Leymarie.

Vinte anos mais moça que o marido, a cujo lado colaborava ativamente, empregou todas as suas energias na defesa do bom nome do esposo, quando ele foi processado, tendo escrito a admirável memória – *Procès des Spirites* – que se tornou precioso documentário para a história do Espiritismo, e cujo centenário foi lembrado em Reformador de dezembro de 1975.

Essa mulher admirável, cheia de estoicismo, bondade e inquebrantável energia, *née* Marina Duclos, sucedeu Leymarie na direção da Livraria Espírita e da *Revue Spirite*, e nesse trabalho esteve durante 3 anos e pouco, ou seja, até à sua desencarnação, em 29 de setembro de 1904. Paul Leymarie continuou essa árdua e belíssima obra com o mesmo devotamento e desinteresse dos progenitores, dos quais recebera desde a infância a melhor educação espírita. ●

1 Gustave Macé, comissário de polícia da cidade de Paris. (N. do T.)

2 Freqüentava Leymarie as sessões que Kardec realizava à rua Santana, em Paris, às sextas-feiras. (N. do T.)

3 Para melhor conhecimento dos leitores, relataremos, num breve resumo, esses acontecimentos que a Sra. Leymarie houve por bem registrar, quase que tudo, na sua obra – *Procès des Spirites*. Desta obra, reeditada pela FEB em 1976, existe um resumo em português, de autoria de Hermínio C. Miranda, publicado em separata pela FEB.

Aos 16 de junho de 1875, o Ministério Público moveu processo contra os Srs. Leymarie, Buguet e Firman. O fotógrafo Buguet, usando de manobras fraudulentas na obtenção de fotografias de Espíritos, foi preso. Em virtude das relações amistosas que entretinha com Leymarie, que, confiante, dele se serviu como médium e fotógrafo em inúmeras ocasiões, o gerente da *Revue Spirite* foi também preso e julgado como conivente. Aliás, sua excessiva confiança constitui, em parte, a causa de sua pouca sorte no comércio.

Em conseqüência de depoimentos falsos, entre os quais o do próprio acusado principal, o fotógrafo Buguet, foram todos condenados, o que os fez recorrer para instâncias superiores de

Justiça.

Buguet conseguiu sua liberdade passando para a Bélgica, onde se localizou; Firman, outro envolvido no caso, obteve sua libertação graças a altas influências; mas Leymarie, não fugindo à Justiça, dirigiu uma Memória à Corte Suprema da França, protestando, perante sua consciência e seus filhos, sua inocência, e afirmando sua confiança nas decisões daquele órgão supremo.

Buguet, de Bruxelas, remordido de remorsos, escreve ao Sr. Dufaure, então ministro da Justiça, asseverando, de uma maneira clara, sincera e positiva, a ignorância de Leymarie em todos os processos por ele (Buguet) empregados nas fraudes fotográficas e, conseqüentemente, a inocência dele.

Que Buguet era médium e fotografias mediúnicas verdadeiras foram obtidas por ele, não há dúvida, como o atestaram muitas dezenas de pessoas, de diferentes países europeus. Mas o médium, desconhecedor dos princípios da Doutrina Espírita, e, ainda por cima, ganancioso, serviu-se várias vezes, quando nada conseguia com a sua mediunidade, da fraude, como ele próprio confessa.

Na carta mencionada, dirigida ao ministro da Justiça, declarava Buguet, num certo ponto: “Lastimo, pois, haver dito, na minha fraqueza, o contrário da pura verdade, renunciando eu à minha mediunidade, e peço perdão a Deus por este ato que deploro, pois que ele serviu para incriminar um homem estimável, cuja boa-fé se tornou suspeita com as minhas afirmações.”

De várias partes do mundo, cartas e mais cartas chegaram às mãos de Leymarie, confortando-o no doloroso transe por que passava e oferecendo todos os préstimos que a ele se tornassem necessários. Até mesmo do Brasil não lhe faltou o amparo fraternal. Casimir Lieutaud, em nome dos espíritas do Rio de Janeiro, endereça aos membros da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, em 1876, uma carta, reafirmando a admiração e o respeito que por Leymarie tinham, e a certeza de sua inocência, em apoio da qual se prontificavam a colaborar (Revue Spirite, 1876, p. 10). Do próprio além-túmulo, vozes amigas, servindo-se da mediunidade psicográfica de Leymarie, transmitem a ele mesmo doces páginas consoladoras.

Não obstante as declarações abonadoras da integridade e inculpabilidade do acusado, não obstante as afirmações reiteradas e sinceras dele mesmo, a Corte Suprema confirmou o veredicto das duas primeiras Cortes, e Leymarie foi condenado a um ano de prisão celular. Sobre isso a Revue Spirite de 1876, p. 167, informou os leitores, esclarecendo que ele dera entrada na chamada Prisão de la Santé, em 22 de abril de 1876, e que, por singular coincidência, nesse mesmo dia e na mesma hora, um ano antes, ele, Leymarie, era detido na prisão parisiense de Mazas.

Serena e respeitosamente foi recebida a decisão da Justiça humana, confiando-se Leymarie à Justiça do Alto. Certamente, naqueles momentos aflitivos, perpassou-lhe pelo espírito o julgamento de Jesus e as palavras deste: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.”

.....
Nós, os espíritas, temos o dever de defender e honrar sempre a memória daquele que foi – pode dizer-se – um mártir da Terceira Revelação. (N. do T.)

4 Além de outras, em maio/junho de 1882 realizou pelo oeste da França uma tournée de conferências que durou dezesseis dias. (N. do T.)

5 Foi realizado em Paris, com a denominação de “Congresso Espírita e Espiritualista Internacional.” (N. do T.)

A FEB e o Esperanto

O Esperanto e a Comunicação no Rotary

AFFONSO SOARES

A revista *Brasil Rotário*, órgão Regional Oficial do Rotary Internacional, no Brasil, publica em seu número de janeiro/2001, em tradução do francês, o artigo “Esperanto, língua sem fronteiras”, da autoria de Eskil Svane, responsável pela organização francesa Associação Amigos dos Rotarianos Esperantistas. A tradução para o português se deve à nossa co-idealista, espírita e rotariana, Úrsula Grattapaglia, de Alto Paraíso (GO).

Em razão da escassez de espaço, omitiremos as informações históricas sobre o Esperanto e seu criador, Lázaro Luís Zamenhof, perfeitamente conhecidas pelo leitor de Reformador, limitando-nos aos comentários da autora em torno das dificuldades lingüísticas sentidas pela própria vida rotariana internacional, bem como aos seus judiciosos argumentos em favor da adoção do Esperanto como língua ideal para as relações internacionais. Aliás, a própria Redação de *Brasil Rotário*, como que sintetizando o conteúdo, encima o texto de Eskil Svane com a expressão: “Entre os objetivos do Rotary Internacional figura a compreensão internacional mútua. Mas como é possível incrementar a compreensão internacional se não houver compreensão lingüística?”

Passemos aos trechos selecionados do artigo:

No Rotary, pelo menos na França, diz-se, freqüentemente, que somos “membros de uma elite, de uma certa aristocracia entre os homens” – para citar a carta do Distrito 1700, datada de abril de 1993. Infelizmente, nem mesmo os membros dessa elite podem entender-se mutuamente – exemplo perfeito são as reuniões de Pézenas com seu clube de contato de Oberstdorf: muitos sócios, de um lado e de outro, não podem comunicar-se sem intermediários; quanto às nossas convenções internacionais, elas necessitam de tradução simultânea em cinco ou seis diferentes línguas.

E mesmo na elite da elite – nossos governadores – não há comunicação direta: na “escola dos futuros governadores”– a Assembléia Internacional de Anaheim, na Califórnia, EUA – os, aproximadamente, 500 governadores, representando mais de 160 países, devem, também, utilizar a tradução simultânea em seis línguas. E, bem entendido, além do idioma russo já existente, um dia teremos que acrescentar o chinês como oitava língua de trabalho. Em resumo, uma língua transnacional seria útil.

*De fato, os dois números especiais do **Le Rotarien** (revista do Rotary na França), intitulados “Eis o Rotary”, resumiam a situação em uma frase curta e simples: “Os rotarianos esperantistas são os únicos a poder entender-se sem ajuda de intérpretes.”*

As Nações Unidas e a maioria das suas 15 instituições especializadas

utilizam seis línguas oficiais, e pode estimar-se que elas gastam quase um bilhão de dólares por ano para os seus serviços lingüísticos. Uma vez mais, é o seu dinheiro, e o do resto do mundo, desta vez, que é desperdiçado.

E não nos esqueçamos que os serviços lingüísticos – sejam do Rotary, da União Européia ou da ONU – fazem um trabalho estéril porque não acrescentam nada de concreto – sequer um pensamento original, um estudo novo, uma só contribuição real para a existência. Apenas transmitem idéias e palavras alheias – com discriminação de todos os povos cujas línguas não são oficiais.

Imaginem como essas somas gigantescas poderiam servir para atividades concretas em benefício real das populações. Eis um único exemplo: em 1975, a Organização Mundial de Saúde – OMS, votou conferir status de línguas oficiais ao árabe e ao chinês, o que custou cinco milhões de dólares para o resto daquele ano.

Naquele mesmo ano, os delegados rejeitaram um conjunto de projetos destinados a melhorar a saúde no continente africano. E qual era a razão invocada para recusar o que teria custado quatro milhões de dólares à OMS, ou seja, um milhão a menos que as únicas despesas adicionais de serviços lingüísticos: a falta de fundos.

Para resumir tudo isso em uma única frase: a despeito de bilhões e bilhões que os Estados do mundo inteiro gastam com o ensino e a tradução das línguas; a despeito dos milhões e milhões que as empresas investem para que os seus empregados aprendam uma língua estrangeira, os problemas de comunicação permanecem e não foram resolvidos.

.....
O movimento em favor do esperanto é mais um movimento organizado. A par de todas essas atividades, há uma considerável produção literária, tanto traduzida, como original, em prosa e em poesia. Há, também, um jornal que é publicado nas cinco partes do mundo – e, até mesmo, em Braille e em edições eletrônicas.

Convém ressaltar que toda essa produção em esperanto é realizada, a grosso modo, por voluntários, sem a menor ajuda exterior, sem a menor subvenção e sem apoio algum. Enquanto o governo francês, por exemplo, subvenciona os cursos de grafitação que desfiguram as nossas paredes, se recusa designar um só centavo a um movimento verdadeiramente cultural, reconhecido como tal pela Unesco e pela Onu. (...)

O esperanto significa, também, participação em conferências e festivais internacionais; emissões diárias em rádio, em países tão distintos quanto a Polônia ou China; uma centena de universidades, das quais duas na França, que ensinam a língua; significa bolsas para ajudar aos jovens africanos a participar dos congressos internacionais; intercâmbios de jovens que aprenderam a língua na escola; um bom número de crianças que têm o esperanto como língua materna e cujas famílias utilizam a Internet para participar de experiências mútuas. Em uma única frase, significa educação mundial para a compreensão.

...

Como os rotarianos, também os espíritas, que já se organizam internacionalmente, vêem levantar-se o problema lingüístico como efetivo obstáculo, tanto aos esforços de divulgação quanto, principalmente, aos anseios

de unificação no campo mais vasto da vida internacional. Mas, como vanguardeiros do progresso e atentos às belas construções edificadas no Brasil, uma legião de valorosos companheiros, sob a condução de diversas organizações como a Federação Espírita Brasileira, a Sociedade Lorenz, a Associação Mundo Espírita, o Lar Fabiano de Cristo, têm se lançado com fervor no amanhã do novo campo de trabalho, obtendo significativa resposta a suas operosidades, qual seja, a simpatia do Conselho Espírita Internacional, o que representa positiva influência junto aos movimentos espíritas de outros países.

Perseveremos, caros irmãos, semeando para o Grande Amanhã, já pressentido nas gloriosas antevisões dos eminentes Espíritos que nos guiam os passos em nome do Senhor. ●

Poesia do Além

Sombra e Luz

Vem a noite, volta o dia,
Cresce o broto, nasce a flor,
Vai a dor, surge a alegria
Dourando a manhã do Amor.

Assim, depois da amargura
Que a vida terrena traz,
A alma encontra na Altura
A luz, a ventura e a paz.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além-Túmulo*. Poesias Mediúnicas. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 197.

Novos Rumos

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

A Humanidade acaba de ingressar no terceiro milênio da Era Cristã. O novo período que se inicia coincide com as turbulências atuais da sociedade humana, com vertiginoso eclodir de violências, vícios, insatisfações e desassossegos, tudo de variadas causas a demonstrar que o Mundo vive o auge de crises que irão fatalmente gerar transformações na sociedade. Tudo parece indicar final de ciclo. Esta é a hora de se buscar novos rumos, de preencher vazios oriundos de desilusões e erros, de reparar faltas cometidas, de buscar Deus, de se aproximar do Evangelho de Jesus.

Certamente todas as Nações enfrentam essas e outras dificuldades. A imensa Nação Brasileira, de conformidade com esclarecimentos prestados por seareiros espirituais, está fadada a ser foco de luz a clarear os caminhos humanos. Aqui deverão ser exemplificadas a concórdia, a tolerância, a fraternidade e a fé. Cabe, pois, aos que vivem nesta terra generosa, realizar essa obra gigantesca com denodo, desprendimento e amor, regando o solo com seu suor, mas com suas vistas voltadas para Deus.

A população brasileira triplicou em poucas décadas. Por outro lado, a violência, as insatisfações, a ganância, o egoísmo, a devassidão tomaram dimensão espantosa. Considerados períodos isolados, tem-se a impressão de retrocesso na conduta moral das pessoas, mas tudo é decorrência de desorientação temporária e ocasional. Quando a moral cristã-espírita penetrar no seio das massas tudo se transformará. A conscientização da verdade modificará o ânimo das pessoas e elas inclinar-se-ão para a busca de Deus e para a prática do bem.

Já é chegada a hora em que o homem deve elaborar menos teorias e exercitar mais fraternidade, de discursar menos e procurar aliviar dores e sofrimentos, saciar a fome do próximo e começar a conviver com a verdade, a caridade, a fé. Basta de afrontar as leis da vida com tantos sentimentos vis. Todos os homens devem se curvar diante da infinita tolerância divina. Urge acender a chama da esperança no infinito amor do Pai Eterno.

São vistas em toda parte as práticas dissolutas. Atos de violência são freqüentes e vícios de várias feições se ajustam ao cotidiano das pessoas. São patentes tais anomalias. Indicar as causas e apontar soluções demandam algum esforço. A moralização do ser humano é caminho áspero e longo, quase sempre é a via do sofrimento repetida em várias reencarnações. Todavia, os mananciais que nos propiciam os recursos necessários ao progresso estão ao alcance de todas as pessoas: Deus, a família, a educação, a religiosidade, o cumprimento do dever, as lições de Jesus. Tudo isso é imprescindível para se libertar das imperfeições que geram todas as dificuldades no caminho de cada criatura humana.

O Espiritismo ensina e prova que Deus existe e que é causa criadora do Universo. Mostra a existência das leis naturais, do Espírito e sua imortalidade. Esclarece o princípio basilar da reencarnação dos Espíritos e a capacidade que têm de se comunicarem, estejam ou não encarnados, pois são elementos individualizados e inteligentes da criação que povoam os espaços infinitos.

A Doutrina Espírita alarga, portanto, os horizontes para os anseios de progresso da criatura humana, seja da que tenha uma crença ou daquela que caminha sem fé, proporcionando-lhe consolação, esclarecimentos e oportunidades amplas nas trilhas evolutivas.

A Terra é um mundo de provas e expiações onde predominam as imperfeições e não está generalizada a prática do bem, da caridade e do amor ao próximo. É morada que proporciona, além de resgates e reparações, amplas oportunidades de progresso aos Espíritos, facultando-lhes alcançar estâncias de paz e felicidade.

Sabe-se que o Espírito que habita um corpo infantil demonstra, desde cedo, suas inclinações. Não é difícil perceber-lhe as virtudes e as más tendências, resultando daí a responsabilidade dos pais perante o Senhor da Vida. Muitas reencarnações são

desperdiçadas em face da insensatez, da irresponsabilidade, da falta de cumprimento do dever de pais egoístas, imprudentes e insensíveis no desempenho de suas missões! Como se já não fossem muitos os riscos de vícios de variados matizes, de inclinações inferiores que a alma reencarnada pode trazer de suas vidas anteriores, os pais ainda a impregnam de sentimentos de cobiça, ambições e egoísmo em vez de procurarem incutir-lhe as noções de fraternidade e do amor a Deus.

A negligência no cumprimento de deveres, a incapacidade de amar e a falta de fé no Pai Eterno fazem as pessoas viverem mergulhadas em trevas por longos períodos. A hora que passa é sempre oportunidade preciosa para semear na lavoura do bem, mas, ao desperdiçá-la, marcamos encontro com a desilusão e o pranto amargo do arrependimento.

A sociedade humana para alcançar paz e se fortalecer necessita ser solidária e fraterna. O egoísmo, principal agente desagregador da sociedade, promove a desarmonia social. A cupidez, as lutas pelo poder e a corrida desenfreada em demanda de bens e riquezas amesquinham a dignidade humana, opõem-se à moral sadia, rebaixam a alma.

O propósito das religiões deve ser sempre o do aperfeiçoamento moral das pessoas. Tem, portanto, finalidade nobre que deve ser por todos resguardada e respeitada. Todavia, sem a consciência do princípio da reencarnação do Espírito, a ação religiosa se debilita. A lógica e a razão induzem-nos a aceitá-lo como instrumento da Sabedoria, Bondade e Justiça Divinas.

Todas as pessoas têm, mais ou menos acentuadas, certas inclinações no curso da vida. Por isso e por estarmos sujeitos a influências de variadas procedências, Jesus nos recomendou amorosamente: Vigiai e orai.

Assim como os hábitos e costumes se modificam com o tempo, também as más tendências humanas desaparecerão sob o impacto da luz, do progresso, ao contato com as novas realidades que a própria vida descerra.

Os objetivos do Espiritismo são os mesmos do Cristianismo: esclarecer e encaminhar a Humanidade. Ambos visam ao aperfeiçoamento das criaturas, por isso se integram e se complementam para compor a Doutrina Cristã-Espírita. Do mesmo modo que Jesus afirma que não veio destruir a lei, assim também o Espiritismo busca não hostilizar nenhuma crença ou religião. Ao contrário, empenha-se por tornar as criaturas fraternas, ainda que não tenham fé ou qualquer convicção religiosa.

Esclarecer é revelar as leis naturais, físicas e morais, e significa harmonizar os homens com essas leis para que possam progredir pela prática do bem, única maneira capaz de livrá-los dos sofrimentos, da ignorância e do atraso.

A Doutrina de Jesus é toda baseada nas leis de amor e harmonia, as mesmas que assinalam a ação divina em toda a obra da Criação. O amor abrange todas as virtudes, tendo o Divino Mestre reservado a outro Consolador, o Espiritismo, as tarefas de descerrar aos homens novos horizontes mediante a prática da caridade e o conhecimento das leis que devem governar a ação do Espírito, a fim de que possa progredir e conseguir paz e felicidade. ●

O Cristo e o Livro

O vento... O frio... A noite... O céu que se ilumina...
Sorri Jesus na palha em sublime epopéia!...
Depois, Jerusalém... Depois, a Galiléia,
O povo, o bem, a paz, a esperança, a doutrina!

O Mestre salva, ergue, ampara, eleva, ensina,
Brunindo o coração e aprimorando a idéia...
Depois, o escárnio, a cruz, a agressiva assembléia,
A morte... E, após a morte, a vitória divina...

Depois, a nova era, a fé profunda e clara,
O apostolado ardente, enriquecendo a seara...
Depois de tudo, um livro – o Evangelho fecundo...

E o livro, arca da vida, em que a luz se condensa,
Traz o Cristo até nós por Eterna Presença,
Vencendo gerações para a glória do mundo!...

Constâncio Alves

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Por Diversos Espíritos, Poetas Redivivos, 3. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 81.

A Mediunidade Gloriosa de Yvonne A. Pereira

Yvonne do Amaral Pereira nasceu em Valença, no Rio de Janeiro, em 24-12-1900 e desencarnou em 9-3-1984, na cidade do Rio de Janeiro.

Psicógrafa de rara sensibilidade, recebeu obras dos Espíritos de Leão Tolstói, Bezerra de Menezes, Camilo Castelo Branco e Charles.

Seu primeiro livro psicografado foi *Memórias de um Suicida* (falarei dele logo mais). Recebeu-o de Camilo Castelo Branco em 1926, mas só foi editado em 1956.

Yvonne era dotada de vários tipos de mediunidade – psicografia, psicofonia, efeitos físicos, mediunidade de cura – que exerceu durante cinquenta e quatro anos e meio, dando receitas homeopáticas e aplicando passes, dedicando-se também com total abnegação à cura de obsessões.

Certa feita ela disse: “Senti sempre um grande amor pelos Espíritos obsessores e sempre os tive como amigos. Fui correspondida por eles e nunca me prejudicaram.”

Toda sua infância foi povoada de grandes fenômenos espíritas, muitos deles estão narrados em alguns livros, dos quais podemos citar *Recordações da Mediunidade e Devassando o Invisível*.

O que marcou muito a sua vida foi a visão do Espírito de seu pai na vida passada e que a acompanhou durante a infância, a ponto de não reconhecer seu pai da atualidade como tal. O que ela reconhecia mesmo era o Espírito, que ela via em pequena, até, mais ou menos, os nove anos de idade: um homem do século passado, pelas vestimentas. Para ela, era uma pessoa encarnada e não um Espírito. Outro Espírito que via e que definiu bastante sua vida e seu caráter, segundo declarou em uma entrevista que concedeu a Jorge Rizzini, foi Roberto de Canallejas. Via-o desde pequena e conversava muito com ele. Isto começou aos quatro anos. Quando esses Espíritos se ausentavam, principalmente o pai, sofria muito. Chorava, tinha crises nervosas por causa da grande saudade que sentia.

Recebeu importante mensagem de Roberto de Canallejas, sobre o suicídio, dizendo que ela tinha uma tarefa entre suicidas e que trabalharia com ela. “Em breve – disse-lhe – vou escrever um artigo sobre a história de amor de Roberto e Yvonne. Já estiveram juntos em outras encarnações.” Sua história faz parte do livro *Um caso de reencarnação – Roberto de Canallejas e Eu*, da Editora F. V. Lorenz, do Rio de Janeiro.

Yvonne veio de uma existência em que foi suicida. Daí sua afinidade com Camilo Castelo Branco desde os doze anos. Somente não sabia que era ele. Mais tarde, quando conheceu o seu retrato viu que era o famoso escritor português Castelo Branco, autor de *Amor de Perdição*.

Na entrevista, ela diz que quem quiser conhecer bem a Doutrina Espírita deve estudar Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne e Ernesto Bozzano.

Sobre seu livro *Memórias de um Suicida*, podemos dizer o seguinte: trata-se do Umbral, particularizando os casos de suicídio. Na opinião de Chico Xavier, é a obra que melhor retrata a profundidade das regiões umbralinas. Há um capítulo que fala sobre a existência de uma Academia de Esperanto no Além, mas não se localiza nessas regiões inferiores.

Yvonne via cenas do mundo espiritual. Segundo ela, uma das piores foi a de um Espírito vivendo o pesadelo de querer fugir de um trem e não poder; querer afastar aquela visão sem conseguir e ser colhido pelo trem. É o gênero de suicídio pior que todos! É o que mais choca, mais desesperador para o Espírito. O ato do suicídio ficou na mente do Espírito e se repete, indefinidamente, até que passe o pesadelo. A pessoa quer fugir e não pode, vê-se aos pedaços e ao mesmo tempo se sente viva.

Como afirma Yvonne: “É um caso desesperador que o Dante se esqueceu de narrar.”

Quando estava psicografando o livro *Amor e Ódio*, viu o Espírito Frédéric Chopin, que depois desapareceu. No ano de 1957, estando em Belo Horizonte, viu-o materializado em seu quarto. Conversaram bastante e, daí para frente viu o famoso compositor com mais freqüência.

Vou falar um pouco sobre alguns livros que ela psicografou: *Ressurreição e Vida*, de Leão Tolstói: são várias histórias, que nos levam às paisagens e aos costumes imperantes na velha Rússia dos Czares; *Sublimação*: também de Tolstói, juntamente com Charles, oferece-nos histórias comoventes, nas quais o suicídio é focalizado em suas implicações morais e suas conseqüências aterradoras, refletindo-se na vida de Além-Túmulo; *A Tragédia de Santa Maria*, de Bezerra de Menezes: faz com que melhorem nossas atitudes na vida comum; *Nas Telas do Infinito*: onde há uma história narrada por Bezerra e uma novela transmitida por Camilo Castelo Branco; os livros de Charles – *Amor e Ódio*, *Nas Voragens do Pecado*, *O Cavaleiro de Numiers* e *O Drama da Bretanha*.

Esses três últimos romances nos oferecem a triste história de corações em luta redentora. Há juras de amor, ódios e traições e ensinamentos preciosos. Mostram que a Lei de Causa e Efeito é inexorável, dando “a cada um segundo suas obras”, e a todos ligando por vínculos que o tempo e o espaço não podem destruir.

No final da entrevista a Jorge Rizzini, ela assevera, entre outras coisas, o seguinte: “A Doutrina Espírita é, de fato, o Consolador. Seja qual for o problema que nos aflija, encontraremos nessa doutrina a solução, o grande consolo para a nossa vida e forças para continuar a nossa existência no caminho aconselhado pelo Evangelho. Eu aconselharia aos jovens a amar muito a mediunidade e a ter cuidado com ela; não forçar, de forma alguma, o seu desenvolvimento. A mediunidade tem de vir naturalmente, sem a pessoa forçar. Preparar a mediunidade com a prática do bem, da caridade, o estudo, e deixar que ela se apresente naturalmente.”

Caros leitores, não deixem de ler as obras de Yvonne do Amaral Pereira. ●

Aborto

Viver é o primeiro de todos os direitos naturais do homem. Ninguém tem o direito de atentar contra a vida do seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa compro-meter-lhe a existência.

A matéria é o instrumento de que o Espírito se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação.

O Espírito encarna para cumprir desígnios divinos e, ao mesmo tempo, vai se desenvolvendo intelectual e moralmente, através das provas e expiações que a vida terrena lhe enseja.

Pela reencarnação, a Justiça Divina concede ao Espírito realizar, em novas existências, aquilo que não pôde fazer ou concluir nas existências anteriores.

A ligação do Espírito à matéria com que irá formar seu corpo físico se dá desde a concepção e é feita através do perispírito, o seu corpo espiritual, fluídico.

É crime a provocação do aborto, em qualquer período de gestação, porque impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando. Quem induz ou obriga ao aborto ou o executa é igualmente responsável espiritualmente.

O aborto só é aceitável quando o nascimento da criança puser em perigo a vida de sua mãe.

O aborto eugênico é um erro porque o corpo, deficiente ou não, é sempre valioso instrumento para a evolução do Espírito.

O aborto não se justifica nem mesmo na gestação ocasionada por estupro. Espiritualmente, o reencarnante é filho de Deus e não do estuprador, que apenas contribuiu para a formação de seu corpo físico. É inocente da ação agressora. Não deve ser responsabilizado por ela nem vir a sofrer em consequência dela. Muito menos perder seu direito à vida.

Se, após nascida a criança, a mãe não puder ou não quiser criá-la, poderá oferecê-la à adoção. Muitos desejam perfilhar uma criança.

Além dos prejuízos físicos e psíquicos que costuma trazer à gestante, o aborto delituoso acarreta, ainda, consequências espirituais. Por exemplo: o Espírito que sofreu o abortamento pode ficar imantado à gestante em clima de mágoa e angústia ou desejando se vingar da agressão que não o deixou viver; ficar lesada no perispírito, na região correspondente ao centro reprodutor não usado corretamente; perda de oportunidade de receber como filho um Espírito amigo e benévolo que viria ajudá-la na encarnação, ou alguém a quem devia ajuda e recomposição por erros anteriores.

Quem já praticou aborto, ou foi por ele responsável, e quer se recuperar ante as leis divinas, não reincida mais nessa prática e procure fazer o bem. Por exemplo: favorecer a vida de outras crianças, ajudar outros a viverem.

“O amor (caridade) cobre a multidão de pecados.” (I Pedro, 4:8.)

Espiritismo Responsável

GUSTAVO G. FRÓES

Preocupados com a exterioridade das práticas espiritistas, perdem, alguns profíctes do Espiritismo, o norteamento essencial da Doutrina, cognominando a Terceira Revelação com neologismos inadequados e inconvenientes aos seus princípios tão claramente expostos por Kardec em sua codificação.

Não é através de nomenclatura pomposa, extravagante ou, até mesmo, diferenciada e discriminatória que levaremos o Espiritismo ao reconhecimento da sua condição de doutrina iluminativa e libertadora. Somente a sua prática na mais correta fidelidade aos princípios cristãos poderá revelar a integridade de sua moral.

Recentemente dois fatos notórios vêm comprovar que tal procedimento está correto. O primeiro deles, já amplamente divulgado pela imprensa espírita e com destaque em Reformador de maio de 2000, mostra-nos a importância do trabalho sério e responsável de Chico Xavier, que teve, entre as dez melhores obras espíritas do século, sete livros por ele psicografados, sendo que entre estes estão os três considerados mais importantes de todos (*Nosso Lar, Paulo e Estêvão, Parnaso de Além-Túmulo*)¹.

O segundo fato, de não menos importância, foi noticiado na Edição Especial no 6 da revista IstoÉ da série "O Brasileiro do Século", onde foram escolhidos os religiosos do século XX com a eleição de Irmã Dulce, freira católica baiana, como a religiosa do século com 78,6% dos votos, o que era de se esperar num país de maioria eminentemente católica, assim como a segunda colocação do recém-de-sencarnado Arcebispo de Olinda e Recife Dom Hélder Câmara com 69,91% dos votos. Em terceiro lugar, com 61,55% dos votos, surpreendentemente para muitos, aparece o nome do nosso querido médium mineiro Francisco Cândido Xavier, indicado por um júri de maioria católica onde não havia nenhum simpatizante da Doutrina Espírita e com a participação de representantes de todas as outras religiões, além de sociólogos, jornalistas, antropólogos e pessoas de destaque na sociedade.

Constatar o reconhecimento do trabalho fiel e íntegro de Chico Xavier pelos diversos segmentos religiosos de nossa sociedade, colocando a Doutrina dos Espíritos em evidência, com o respeito e a clareza que lhe são devidos, é para nós, sem dúvida alguma, motivo de júbilo e agradecimento ao querido companheiro a quem devemos ter como exemplo de trabalho e dedicação à doutrina do Cristo.

Ninguém melhor que Chico Xavier, neste século, deu à Doutrina dos Espíritos o seu sentido de Consolador com o amor e carinho que sempre praticou: não só nas muitas mensagens confortadoras que pacificaram milhares de corações dilacerados pela dor do afastamento das almas queridas como, também, nas atitudes de assistência e amparo aos desvalidos de toda sorte, na prática da verdadeira caridade, tanto material como moral, espelhando-se em Jesus, o modelo de perfeição que Deus ofereceu aos homens, conforme os ensinamentos dos Espíritos superiores.²

Ao ver Chico superar a votação de nomes de verdadeira veneração nacional como o padre Cícero Romão Batista, Madre Paulina, Frei Damião e tantos outros, é que constatamos a grandeza e importância do seu trabalho e de sua indefectível linha de conduta que o levou ao reconhecimento público muito

além das fronteiras espiritistas.

Calcado nos princípios morais da doutrina codificada por Allan Kardec, o seu comportamento sempre foi um modelo de responsabilidade no trato com as coisas da religião que abraçou. Nunca vimos Chico envolvido em polêmicas e querelas inúteis, muito menos em pronunciamentos bombásticos e irresponsáveis. Suas palavras sempre vieram eivadas de doçura e serenidade, apesar de toda a sua seriedade, característica da doutrina que adotou. Funcionando como a mais perfeita antena mediúnica já conhecida, é responsável pela mais bela e perfeita obra evangélico-doutrinária de nossos dias. Sempre cuidadoso, jamais se deixou envolver por Espíritos pseudo-sábios com suas revelações enganosas e sensacionalistas, submetendo sua filtragem mediúnica ao mais criterioso crivo da razão, motivo pelo qual fez-se possuidor de total credibilidade junto aos espíritas e também entre os religiosos sérios de diversos segmentos não-espíritas. Assim como a própria revista *IstoÉ* destaca, até réus já foram absolvidos pela justiça dos homens, sendo a sua absolvição baseada em mensagens psicografadas por Chico Xavier, que os inocentava.

Chico sempre esteve ali, firme, sereno, íntegro e fiel aos princípios que adotou, mesmo diante das maiores dificuldades e dos inúmeros revezes que a vida lhe proporcionou. Suas dores nunca foram poucas e nem pequenas, mas, sua superioridade sempre foi magnífica, mantendo-o como exemplo mais vivo do fiel seguidor de Jesus.

É assim: Se desejarmos respeito, consideração e reconhecimento à Doutrina Espírita, não devemos nos preocupar em diferenciá-la, descaracterizando o seu nome com acréscimos indevidos. Muito menos confundindo-a com práticas esotéricas estranhas ao seu corpo doutrinário e, ainda menos, tentando promovê-la através do sensacionalismo de revelações imprecisas e inseguras, transmitidas por médiuns inconsistentes envolvidos por Espíritos enganadores e galhofeiros que se autodenominam superiores.

A Doutrina Espírita não precisa de acréscimos ou prosélitos apressados e imaturos: ela por si só se basta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 Pesquisa bibliográfica realizada pela *Candeia Organização Espírita de Difusão e Cultura*, publicada em Reformador de maio de 2000.

2 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 615, 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

Manual de Administração das Instituições Espíritas

O Manual de Administração das Instituições Espíritas foi elaborado pela União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), por delegação do Conselho Federativo Nacional da FEB.

Os principais assuntos do Manual, com a legislação atualizada até dezembro/99, são os seguintes: Providências para fundação de uma Instituição Espírita; Secretaria e Tesouraria; Leis Fiscais e Normas Legislativas aplicáveis às Instituições Espíritas; Legislação Trabalhista aplicável às Instituições Espíritas.

Pedidos para a USEERJ: Rua dos Inválidos, 182, Centro, CEP 20231-020 – Rio de Janeiro (RJ); Tel/Fax (21) 224-1244; *E-mail: diretoria@useerj.org.br*

3º Congresso Espírita Mundial

Promovido pelo Conselho Espírita Internacional, será realizado na cidade de Guatemala, Guatemala, pela *Cadena Heliosófica Guatemalteca*, o 3º Congresso Espírita Mundial, de 1º a 4 de outubro de 2001.

O tema central será *Espiritismo: Uma Proposta de Educação para o Ser Humano*.

O 3º CEM tem por objetivo proporcionar a reunião e a união dos espíritas de todos os países, para o convívio fraterno, o intercâmbio de informações e experiências e o desenvolvimento de trabalhos, dentro das finalidades do Conselho Espírita Internacional.

Os trabalhos do 3º CEM serão realizados com base na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec e nas obras que, seguindo sua orientação, lhe são complementares e subsidiárias.

As inscrições podem ser feitas através da remessa da ficha de inscrição, acompanhada do comprovante de contribuição (US\$ 100,00), para um dos seguintes endereços:

1) Cadena Heliosófica Guatemalteca – Comitê Organizador

14 Av. 12-34, Zona 12

Guatemala, Guatemala, C. A.

Fone/Fax 502.440-1848

E-mail/site: ebravo@terra.com.gf

www.guatespirita.dhs.org

2) Conselho Espírita Internacional – Secretaria Geral

SGAN Q. 603, Conj. F

70830-030 Brasília (DF) – Brasil

Fone 0xx. 61.322-3024

Fax 0xx. 61.322-0523

E-mail: spiritist@spiritist.org ou

www.spiritist.org

Espiritismo e Você

*Cap. XVII – Item 4**

Recentemente você teve os primeiros contactos com a Doutrina Espírita e agora se deslumbra com as novas perspectivas espirituais da existência.

Ideais redentores.

Relações pessoais enriquecidas.

Conversações edificantes.

Leitura nobre.

Promissores ensejos de servir à fraternidade.

Recorde, no entanto, os imperativos da disciplina, em todos os empreendimentos, para que a afoiteza não lhe crie frustrações.

Tornar-se espírita não é santificar-se automaticamente, não significa privilégio e nem expressa cárcere interior.

É oportunidade de libertação da alma com responsabilidades maiores ante as Leis da Criação.

É reencarnar-se moralmente, de novo, dentro da própria vida humana.

Convicção espírita é galardão abençoado no aprendizado multimilenar da evolução.

Desse modo, nem prevenção nem invigilância constituem caminhos para semelhante conquista.

Urge sustentar perseverança e paciência na execução justa de todos os deveres.

Evite arrancar abruptamente as raízes defeituosas, mas profundas, de suas atividades; empreenda qualquer renovação pouco a pouco.

Contenha os ímpetos de defesa intempestiva das suas idéias novas; sedimente primeiro os próprios conhecimentos.

Espiritismo é Claridade Eterna.

Gradue a intensidade da luz que você vislumbrar, para que seus olhos não sejam acometidos pela cegueira do fanatismo.

Muitos irmãos nossos ainda se debatem nas lutas de subnível, porque não se dispuseram a aceitar a realidade que você está aceitando, mas, também, outros muitos palmilharam o lance da experiência que hoje você palmilha e nem por isso alcançaram êxitos maiores, na batalha íntima e intransferível que travamos conosco, em vista da negligência a que ainda se afazem.

Crença não nos exime da consciência.

Acertar ou cair são problemas pessoais.

Tudo depende de você.

Quem persiste na ilusão, abraça a teimosia.

Quanto mais se edifica a inteligência, mais se lhe acentua o prazer de servir.

Obedeça, pois, ao chamamento do Senhor, emprestando boa vontade ao engrandecimento da redenção humana, através do trabalho ativo e incessante nos diversos setores em que se lhe possa desenvolver a colaboração.

Conserve-se encorajado e confiante.

Alegria serena, em marcha uniforme, é a norma ideal para atingir-se a meta colimada.

Eleve anseios e esperanças, tentando sublimar emoções e cometimentos.

Acima de tudo, consolide no coração a certeza de que a revelação maior é aquela que nos preceitua o dever de procurar com Jesus a nossa libertação do mal e, em nosso próprio benefício, compreendamos a real posição do Mestre como Excelso Condutor de nosso mundo, em cujo infinito amor estamos construindo o Reino de Deus em nós.

André Luiz

* KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 116. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, cap. XVII, item 4.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*, por vários Espíritos. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 92, p. 210.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Assembléia Geral Ordinária

Cumprindo o disposto no Estatuto, no Art. 17 e § único, bem assim no Art. 20, o Presidente convoca os sócios efetivos da Federação Espírita Brasileira para se reunirem em Assembléia Geral Ordinária, no dia 19 de maio de 2001, às 14 horas, em primeira convocação, ou às 14 horas e 30 minutos em segunda convocação, na sede seccional, à Avenida Passos nº 30, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), para eleição dos membros efetivos e suplentes do Conselho Superior, de conformidade com o que dispõe o mesmo Estatuto.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2001

a) Nestor João Masotti
Presidente

Recepção no Centro Espírita

CLARA NATÉRCIA

O Centro Espírita é um Templo de portas abertas para acolher quantos lhes transponham os pórticos.

Embora não façamos proselitismo, nem adotemos a propaganda “corpo-a-corpo”, temos o dever de bem recepcionar aqueles que lhes batem às portas, espontaneamente ou induzidos por alguém.

Recepcionar é aquela atitude simpática e cativante de receber os visitantes com gentileza e cordialidade, abrindo o coração e deixando transparecer que eles são bem-vindos.

Não faltam queixumes de pessoas desapontadas pelo fato de terem ido à Casa Espírita sem que ninguém lhes registrasse as presenças, como se não tivessem entrado nem saído. E quão bom seria se houvessem ficado!

Compreendemos que nem todas as Instituições Espíritas são dotadas de grande número de colaboradores para responderem pelas várias áreas de serviço, mas julgamos de imperiosa necessidade que seja atribuída a alguém, confrade ou congreira, a incumbência de estar a postos para o desempenho desse trabalho – a Recepção.

É muito conhecida de todos nós a clientela que busca o Templo Espírita. Além dos freqüentadores assíduos, interessados no acompanhamento dos estudos metódicos e progressivos da Doutrina, há irmãos nossos que comparecem quase sempre com provas e expiações, atormentados por enfermidades físicas ou espirituais. Temos também aqueles que o procuram à busca de ajuda material, carentes do pão de cada dia, ou que vêm pedir auxílio em caráter de emergência. Não faltam ainda quantos o fazem motivados pelos primeiros contatos com a Doutrina, assenhoreando-lhes os ensinamentos. É de se notar ainda, por vezes, a presença de visitantes mal-intencionados, instrumentos dos “aborrecidos da luz”, que aparecem com o propósito de nos questionar sem mais nem menos, testando a nossa tolerância e paciência. E, finalmente, podemos catalogar os que buscam a Casa Espírita a título de mera curiosidade e especulação, tomando tempo dos que trabalham e perdendo o deles, sem nenhum proveito do que ouvem.

Vemos, assim, que os visitantes das Casas Espíritas se nos apresentam com um sem-número de problemas dos mais variados gêneros e portes, ante os quais precisamos de nos premunir de muito boa vontade e benevolência, de toda amorosidade e espírito de serviço, para não lhes frustrarmos a esperança de melhoras dos males de que são portadores, quando não de possíveis curas.

Os desejos manifestados pelos companheiros sofridos até que podem ser detectados por nós, mas as determinações do atendimento ou não escapam à nossa capacidade de percepção.

Uma vez analisada a necessidade de uma boa recepção condizente com a situação por que passam os recepcionados, devemos pensar como convirá ser a escolha do recepcionista. É de suma importância que o desempenho de tal mister seja atribuído a algum dos militantes da Casa Espírita, confrade ou congreira, suficientemente capacitado, que corresponda aos quesitos:

1. Equilíbrio emocional.
2. Afabilidade e bom-senso.
3. Conhecimento bem estruturado da Doutrina

dos Espíritos, caracterizado pelo firme e reconhecido propósito de vivência dos seus ensinamentos.

4. Saber ouvir com máximo interesse e toda a paciência quanto lhe for exposto, a fim de possibilitar uma criteriosa tomada de posição.

5. Não se precipitar em dar sugestões ou aconselhar opções por qualquer decisão do caso objeto da entrevista, convindo mesmo, se necessário, ouvir a opinião de companheiros de trabalho bem experimentados na Doutrina.

6. Iniciar a interlocução, de preferência, com a leitura de uma página edificante, seguida de uma prece.

Casos há, e não poucos, em que os solicitantes procuram, sofridos e desesperados, soluções para os seus problemas familiares, tais como incompatibilidades de gênio, animosidades dos filhos entre si ou deles para com os próprios pais, desentendimentos de noras com sogras e vice-versa. Que dizer aos que assim convivem conflitantemente ou fazer com esses interlocutores, que nunca ouviram falar de Doutrina Espírita ou de Evangelho, sem condição de optar por uma convivência respeitosa e pacífica, de trato cordato e tolerante? É de nosso dever não fazê-los supor que basta a obtenção de água fluidificada, aplicação de passes, de mentalizações, de preces intercessórias, para que se opere a mudança no trato de uns com os outros, se eles mesmos, antagonistas, não se dispuserem a dar entre si exemplos de melhores comportamentos em família.

No caso, muito oportuna será a providência de iniciar os consultantes no aprendizado dos ensinamentos da Doutrina Espírita e do Evangelho, convidando-os a que compareçam às reuniões públicas de estudos do Centro, persuadindo-os a que assim o façam em benefício próprio. Com o tempo, passarão a compreender que a solução dos seus problemas é muito mais deles mesmos do que de qualquer coadjutor mediante o trabalho de melhoramento próprio que se impuserem.

Nos dias apocalípticos em que estamos vivendo, não é nada fácil “emprestarmos” os nossos ouvidos aos necessitados de toda a sorte. Talvez haja quem nos diga: “é pura perda de tempo”, “é malhar em ferro frio”, “você não vai salvar o mundo”. Realmente, ninguém salva ninguém, mas alguém pode ajudar a alguém; e, entre nós, espiritistas, podemos oferecer algo de nós mesmos em favor de quem apela aos nossos préstimos, dando nosso retorno em termos de boa vontade e condescendência.

Exemplo máximo de inigualável caso de recepção, temo-lo em Jesus, no Horto de Getsêmani, como nos noticia Mateus (26:47-50 e 55-56): “E estando ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. E o que traía tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar é esse; prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo Rabi. E beijou-o. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam. Então disse Jesus à multidão: Saístes, como para um salteador, com espadas e varapaus para me prender? todos os dias me assentava junto de vós, ensinando no templo, e não me prendestes. Mas tudo isto aconteceu para que se cumpram as escrituras dos profetas. Então todos os discípulos, deixando-o, fugiram.”

A lição do Senhor e Mestre, no Jardim das Oliveiras, outra não foi senão no sentido de que, mesmo nos apercebendo das segundas intenções de visitantes que vêm à nossa presença, pretendendo maldosamente nos ludibriar ou nos pegar desprevenidos de suas maquinações, para se comprazerem em nos

ironizar e escarnecer, ainda assim, corre-nos o dever de recebê-los de forma tranqüila e serena, amistosa e fraterna, induzindo-os a perceberem que, ao seu intento de ridicularizar-nos ou ferir-nos, estamos preparados para sobrepor, a atitudes maliciosas, o nosso melhor acolhimento, mantendo-nos a cavalheiro da situação e imunes a quaisquer tramas astuciosas ardilosamente urdidas, por mais bem disfarçadas que se nos apresentem. ●

Reformador Encadernado

A coleção completa, com índice alfabético das matérias de Reformador de 2000, título em gravação dourada, está à venda na Livraria da FEB, na Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ.

Os interessados não-residentes no Rio de Janeiro poderão endereçar o pedido de seu exemplar para a Rua Souza Valente, 17 CEP 20941-040 – Rio de Janeiro-RJ.

Algumas coleções de anos anteriores igualmente estão à venda. ●

Seara Espírita

Paraná: Simpósio de Espiritismo

Com o tema central *Espiritismo: Educação para a Paz*, a Federação Espírita do Paraná realizou nos dias 30 e 31 de março e 1º de abril o V Simpósio Paranaense de Espiritismo, no Ginásio do Círculo Militar do Paraná. O evento foi coordenado por Divaldo Pereira Franco e José Raul Teixeira, que fizeram conferências, seminários e um painel, com abordagens vinculadas ao tema central.

Espanha: Estudo das Obras de Kardec

O *Centro Barcelonês de Cultura Espírita* promove aos sábados reuniões públicas, a partir das 18 horas, para estudo das obras de Allan Kardec. Iniciando-se em 10 de fevereiro, os estudos prosseguirão até 28 de abril, com os temas: *Animismo e Mediunidade, Equívocos em torno da Mediunidade, Vida Social dos Espíritos, Opiniões de Gabriel Delanne, O Livro dos Espíritos e Progresso dos Espíritos*.

Pernambuco: INTECEPE 2001

A Federação Espírita Pernambucana está promovendo o INTECEPE 2001 – Integração dos Centros Espíritas de Pernambuco – com o tema: *Atendimento Fraternal e Promoção Social Espírita*. Compreendendo seis Etapas, o INTECEPE teve início na Área Metropolitana (Recife) em 17 e 18 de fevereiro, prosseguiu, em 17 e 18 de março na Mata Norte (Carpina) e continuará, de abril a julho, nas regiões de Mata Sul (Cabo de Santo Agostinho), Agreste Norte (João Alfredo), Sertão (Ararapina) e Agreste Centro Meridional (Belo Jardim).

Roraima: Encontro Espírita

A Federação Espírita Roraimense promoveu nos dias 3 e 4 de março, em Boa Vista, um Encontro sobre Planejamento Estratégico com Dori Vânia da Costa Cunha, Presidente da Federação Espírita Amazonense, destinado a todos os trabalhadores das Casas Espíritas. Foi também proferida palestra dirigida ao público em geral.

Rio de Janeiro (RJ): G. E. Regeneração – 110 Anos

Fundado em 18 de fevereiro de 1891 pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, o Grupo Espírita Regeneração comemorou 110 anos de existência com uma palestra de Maria Imaculada Bastos, no dia 16 de fevereiro, sobre a fundação e a história da entidade.

Paraíba: Movimento de Integração

O XXVIII MIEP – Movimento de Integração do Espírita Paraibano –, realizado pela Associação Municipal de Espiritismo (AME), de Campina Grande, com o apoio da Federação Espírita Paraibana, ocorreu naquela cidade, de 23 a 27 de fevereiro, tendo por tema – *Espiritismo: Proposta de Educação Integral*. Divaldo Franco fez a palestra de abertura e o Seminário *Jesus e o Evangelho – À Luz da Psicologia Profunda*, seguindo-se a programação com exposições, painéis e

mesa-redonda a cargo de Carlos Roberto de Souza (PB), Eraldo Paz (PE), Fernando Queiroga (PB), Frederico Menezes (PE) e Umberto Ferreira (GO).

Goiás: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado de Goiás realizou no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia, de 24 a 27 de fevereiro, o 17º Congresso Espírita Estadual, com o tema central: *Desafios do 3º Milênio – Em busca de uma ética comportamental cristã*. A programação desdobrou-se em dezenas de temas debatidos pelos congressistas adultos, havendo, também, Encontro dos Jovens. Divaldo Pereira Franco proferiu palestra na noite de 26 e, no dia 27, realizou seminário.

Reclassificação do Livro Espírita

A Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (ADELER) encaminhou aos Estados Unidos proposta de reclassificação do livro espírita perante o CDD (Classificação Dewey Decimal), órgão encarregado de fazer a catalogação e classificação bibliográfica dos livros que se publicam no mundo. Atualmente, os livros espíritas não estão previstos no CDD e, por isso, são erroneamente enquadrados dentro do Esoterismo, Magia, etc. A iniciativa teve o apoio da Federação Espírita Brasileira, sendo corroborada pelo Conselho Espírita Internacional.

São Paulo (SP): Confraternização de Mocidades e Juventudes

A cidade de Ribeirão Preto sediará a Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado de São Paulo (COMJESP) nos dias 12 e 14 do corrente mês. O tema central será: Viver e Amar – o magnetismo e nossas vidas.



REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade Estado
País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade Estado
País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial:

R\$..... *

Nome
Endereço CEP
Município Estado País
Tel.: () Celular () Fax
E-Mail Identidade CPF
Assinatura

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.
Obrigado.